

**Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira** é escritora, pesquisadora, Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Trabalha como professora há mais de vinte anos e nunca cogitou em outra carreira. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de teatro e ensino de linguagem, sempre com a ambição de integrar a educação em uma perspectiva que estimule a sensibilidade de cada um dos alunos que vão dialogando com sua carreira. É autora dos livros **Face ao Professor** (Ed. Renascer, 2002), **Canto e Corte** - a épica e o drama nas vozes de Cecília Meireles e João Cabral de Melo Neto (Editora da UFG, 2006), **As santas quebradas** - violência contra a mulher pela voz das vítimas (Editora da PUC-Goiás, 2010), **A princesa sozinha no apartamento** (Editora Kelps, 2011), **Ela Bela Cela** (Editora Kelps, 2011). É docente do *Campus* Taguatinga Centro – IFB, bailarina de dança do ventre e de fusões e, na mais especial de suas funções, é mãe de Yan Miguel e Yanne Fernanda. A linguagem é, para ela, o ar que permite a existência, a condição fundamental de estar e ser o mundo.

### Apresentação da obra

Travesseiro de professor é uma conversa entre professores, um relato acadêmico, profissional, resultante de um processo de ensino- investigativo, em que se busca estabelecer o diálogo, ainda nos estágios iniciais, das práticas de ensino em cursos técnicos. É um livro que poderá contribuir na disciplina de língua portuguesa, também chamada de português instrumental, leitura e produção de texto, e outras variações, em cursos de formação técnica, independente da área a que se destinam.

EDITORA  
FB

TRAVESSEIRO DE PROFESSOR

# TRAVESSEIRO DE PROFESSOR

**Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira**

 INSTITUTO FEDERAL  
BRASÍLIA

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

EDITORA  
 B

Travesseiro de professor é uma conversa entre professores, um relato acadêmico, profissional, resultante de um processo de ensino- investigativo, em que se busca estabelecer o diálogo, ainda nos estágios iniciais, das práticas de ensino em cursos técnicos. É um livro que poderá contribuir na disciplina de língua portuguesa, também chamada de português instrumental, leitura e produção de texto, e outras variações, em cursos de formação técnica, independente da área a que se destinam.

# Travesseiro de Professor

Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira

EDITORA IFB  
Brasília - DF  
2013



## **REITOR**

Wilson Conciani

## **PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

Luciana Miyoko Massukado

## **PRÓ-REITORIA DE ENSINO**

Adilson Cesar de Araujo

## **PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

Giano Luiz Copetti

## **PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL**

Rosane Cavalcante de Souza

## **PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO**

Simone Cardoso dos Santos Penteadó

# Travesseiro de Professor

Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira

EDITORA IFB  
Brasília - DF  
2013

© 2013 EDITORA IFB

Todos os direitos desta edição reservados à Editora IFB.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do IFB.



SGAN 610, Módulos D, E, F e G  
CEP 70860-100 - Brasília -DF  
Fone: +55 (61) 2103-2108  
www.ifb.edu.br  
E-mail: editora@ifb.edu.br

*Conselho Editorial*

Carlos Cristiano Oliveira de Faria Almeida  
Cristiane Herres Terraza  
Francisco Nunes dos Reis Júnior  
Gabriel Andrade Lima de Almeida  
Gustavo Abílio Galeno Arnt  
Juliana Rocha de Faria Silva  
Katia Guimarães Sousa Palomo  
Luciano Pereira da Silva

Luiz Diogo de Vasconcelos Junior  
Marco Antonio Vezzani  
Reinaldo de Jesus da Costa Farias  
Renato Simões Moreira  
Richard Wilson Borrozine de Siqueira  
Tatiana de Macedo Soares Rotolo  
Vanessa de Assis Araujo  
Vinicius Machado dos Santos

*Coordenação de Publicações*

Juliana Rocha de Faria Silva

*Produção executiva*

Sandra Maria Branchine

*Tiragem*

1.000 exemplares

ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Lara Batista Botelho CRB - 2434

O48t Oliveira, Fernanda Ribeiro Queiroz de  
Travesseiro de professor/ Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira. -  
Brasília : Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2013.  
148 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-64124-21-9

1. Educação. 2. Professores – formação. 2. Relação professor e aluno. 3. Professores – língua portuguesa. 3. Ambiente de sala de aula. 4. Leitura. 5. Educação profissional. 6. Ensino – escrita. 7. Educação técnica. I. Título.

CDU 37.013:811.134.3

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
PINCELADAS PARA UM RETRATO DIFÍCIL.....	8
O ESPAÇO DA ARTE E DA CRIATIVIDADE NO MUNDO UTILITÁRIO.....	11
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DAS ARTES NO PROEJA.....	15
LER EM REDE.....	22
GÊNEROS TEXTUAIS – PRODUÇÃO E RECEPÇÃO.....	25
SALA DOS PROFESSORES.....	37
O PESADELO DA ESCRITA.....	39
AVALIAÇÃO.....	43
CURRÍCULO INTEGRADO.....	45
INTERDISCIPLINARIDADE.....	47
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	48
40 AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CURSO TÉCNICO.....	51
BRASILEIRA NO PORTUGUÊS.....	103
CONCLUSÃO.....	145
REFERÊNCIAS.....	146



## APRESENTAÇÃO

Este material não é o resultado, mas um processo que vem sendo construído há mais de duas décadas de exercício profissional na área de linguagem. Não é um método pronto, mas reflexões nascidas da vivência como professora, aluna, pesquisadora que foram conduzindo momentos de muito produtividade nessa estrada do ensinar-aprender a língua portuguesa e todo o universo que a constrói e é construído por ela. E se chama TRAVESSEIRO DE PROFESSOR porque os profissionais da educação nunca se desligam totalmente do trabalho, há sempre um elemento que vemos e pensamos “isso ficaria bom na minha aula”, há sempre um momento de ordenação do dia, aquela hora do “antes de dormir” em que as preocupações muitas vezes nos deixam insones.

Também vem propor uma reflexão, em uma linguagem mais leve, em módulos, sobre o que se chama de “ensino técnico da língua portuguesa”. Sim, é relevante a apresentação de formatos, a instrumentalizar o trabalhador a conseguir pelo menos ler as instruções contidas no material de que se vale, assim como é fundamental a percepção de que o exercício de linguagem fundado na leitura e escrita é que oferecerá condições sinceras para que o memorando não só atenda a sua norma como também esteja preenchido em uma linguagem clara, objetiva, que refrate uma imagem positiva de seu autor. E isso é processo. Os formatos podem ser consultados e seguidos sem problemas, mas preenchê-los com discurso é a grande questão. E nem falo de “metafísicas” aqui, mas de pessoas que não entendem os contratos de trabalho e aluguel que lhes são apresentados, que não alcançam as leis que lhes garantem direitos, que não conseguem preencher um formulário ao se candidatarem a uma vaga. Porque não foram iniciadas no uso formal, profissional da língua escrita. Daí, a necessidade de se preparar o terreno, de se despertar o pensamento para a metalinguagem. E a técnica de escrita se espalhará para todos os gêneros e prescrições.



Pensar o ensino “técnico” de qualquer conteúdo ou área é inseri-lo em uma ambientação ampla, em que não haja um treinamento pelas repetições, mas um posicionamento crítico, autônomo em relação aos fatos da linguagem. O professor de língua portuguesa é uma espécie de cavaleiro errante nas instituições de ensino técnico, tecnológico e profissionalizante porque ele se faz presente na maioria dos cursos, de todas as áreas, mas não é quem ensina o conhecimento “principal” do campo profissional proposto pelos cursos. Não raro, o profissional de Letras deve justificar constantemente sua existência perante aos alunos mais “focados” nos objetivos “específicos” de sua capacitação.

Trazer essa postura de interessar-se pelo dizer, pelo dito e pelos modos de dizer é a primeira tarefa do professor de língua portuguesa em cursos técnicos. O interesse pela linguagem superará (e muito) as questões de estrutura e se fortalecerão no raciocínio sobre a sociedade, o si mesmo e o outro. É a diferença entre iniciar um processo de aprendizagem que se estenderá por toda a existência e o produto com data de validade determinada.

## PINCELADAS PARA UM RETRATO DIFÍCIL

Todo profissional pode ser professor. Nem todo professor é profissional. Todas as carreiras demandam um processo de ensino-aprendizagem, necessitam do educador, do aprendiz e do ambiente. Um advogado pode ser professor dentro de sua área, assim como o médico, o engenheiro, o pedreiro, o pai de santo, a parteira, a cozinheira, o administrador, o contador... Todavia, nem todo especialista está preparado para ser professor **PROFISSIONAL**. Arrivista, talvez, mas exercer de forma contínua e profunda essa atividade requer habilidades que atravessam a competência técnica

e vão se estabelecer em um trabalho de linguagem, método, didática, humanidade. E essa multiplicidade de elementos é que torna a docência tão rica em seus desdobramentos e tão pobre quando o assunto é delimitar as fronteiras mínimas da própria identidade.

Observa-se, nos discursos do senso comum, que o professor deva trabalhar por amor e não por dinheiro, por vocação, por missão, quase que por santidade. E que qualquer um pode ensinar, pode ir fazendo um bico em alguma escola até conseguir emprego melhor, que basta dominar as teorias e práticas de uma profissão que se estará automaticamente pronto para ensiná-la.

Em primeiro lugar, o professor profissional não é apenas quem sobrevive com o trabalho na educação, mas aquele que observa o ensino-aprendizagem como estudioso, que se concentra no desenvolvimento do aluno e nos mecanismos necessários para alcançá-lo com o máximo possível de eficiência. Para tanto, deve ter consciência que ensinar e aprender são movimentos intrínsecos à dinâmica da existência humana – mesmo em situações em que não exista a pretensão formal e consciente desse processo. Está na aquisição da linguagem, nos ambientes pessoais, nas ruas, nas mídias, nos contatos íntimos e passageiros. Isso traz o respeito ao ser humano que chega aos bancos da escola com uma série de conhecimentos que não podem ser negligenciados, mas que não podem bastar à escola. O professor profissional não quer reproduzir réplicas de si mesmo, mas indivíduos capazes de construir a experiência do conhecimento pessoal e profissional. Professor no pedestal, que deseja transformar um curso técnico em mini-graduação, uma graduação em um mini-mestrado, de tanto visualizar apenas seu ideal, acaba não atingindo o mínimo na formação de seus estudantes.

Enxergar o aluno acaba se constituindo em uma daquelas fronteiras difusas do campo de atuação do professor. Em sala de aula, o foco está em desenvolver competências, habilidades, e não constituir-se sessões piratas de terapias pessoais. Porque o professor profissional sabe que não é psicólogo, líder espiritual, médium, messias, médico, curandeiro intuitivo

de almas feridas. Que sua função está em estabelecer a dinâmica necessária para que a aprendizagem aconteça, que os conhecimentos necessários à atuação profissional de seu aluno sejam efetivamente construídos. Preparar mal um aluno é excluí-lo da posição que ele deseja, é feri-lo pessoalmente.

A educação é profundamente atravessada pelas experiências sociais, culturais, ideológicas, pessoais. E todo esse torvelinho de informações deve ser ordenado no espaço da aula para que a disposição em aprender seja despertada. Não se pode perder o foco do espaço formal de ensino. Se o conhecimento se constrói mesmo quando não é “de propósito”, seria de se pensar que ele se potencializaria em situações, ambientes e personagens especialmente voltados para isso. Todavia, nas práticas escolares, não é bem assim que acontece.

Há uma confusão entre estimular a autonomia e deixar que o aluno “se vire”, em se acreditar que conhecimento do professor é suficiente sem didática, em se substituir recursos fundamentais pelo discurso, em se acreditar que ensinar é falar que existe. Imagina um aprendiz de mecânico que só ouve os nomes e vê os desenhos que o professor faz, mas não tem acesso a um carro. Não há didática que resolva as deficiências desse curso. Imagina que o aluno tenha acesso ao carro, mas não a um professor que saiba o que fazer. O resultado sempre pode ser um acidente com vítimas.

Deve-se lembrar, ainda, que ensinar e aprender não é necessariamente algo ético, positivo. Pode-se aprender a construir bombas, a assaltar, a arrombar carros, por exemplo. É no destino dado a esse conhecimento que se define seu caráter. Quem aprendeu a construir bombas sabe como desmontá-las. Quem entende as técnicas utilizadas em um assalto, pode trabalhar em seu combate. Maconha também atende a fins terapêuticos. Basta que seja trabalhada para isso.

Nem todo professor é profissional. Especialmente os que consideram a sala de aula como uma excrescência de suas atividades, como o sacrifício a ser pago para poder realizar atividades mais “elevadas”. Para que o ensino

aconteça verdadeiramente, o educador deve controlar seu ego, sua vaidade, para que encontre, durante suas atividades, possibilidades de aperfeiçoar sua atuação. A vaidade deve se concentrar em outro ponto – nos resultados alcançados com seu trabalho. Que nem sempre serão grandiosos, mas que devem sempre ter um passo adiante.

## O ESPAÇO DA ARTE E DA CRIATIVIDADE NO MUNDO UTILITÁRIO

Em um mundo em que tudo precisa assumir função concreta, mensurada, quantificada e convertida em números, fica mais difícil ainda advogar a arte como algo necessário à formação e à existência humana. Não se bebe, não se come, não se cura uma dor física, não se constrói um encanamento ou uma rede de esgoto por meio de uma ficção, uma pintura, uma música. E de tão formatados nessa perspectiva, percebemos os grandes saltos de violência, depressão, suicídio, uso de drogas se alastrando mundo afora.

Não, a arte não é remédio, nem solução para nada. Sua atuação está na base íntima do ser humano, na reflexão sobre o existir e estar no mundo, na discussão profunda, na empatia, no despertar e desenvolver dos afetos e campos emocionais minados. Pode-se até oferecer uma profissão por meio da arte. Todavia, a arte é educar pela sensibilidade. Ande pelas ruas, investigue e verá que o senso comum postulará que qualquer expressão artística é para quem é eleito, preparado, não é para a “ralé” rústica, ignorante, embrutecida. Como se explica, então, que até os zumbis-craqueiros andem pela rua cantarolando alguma coisa? A atenção dada às novelas? Ao quadrinho pendurado no barraco de lona?

Toda e qualquer forma humana de vida tem em seus genes o senso estético, a busca pela estesia, o gosto criativo. O que falta é expor essa predisposição a uma variedade de referências, possibilidades, conhecimentos, que ofereça às pessoas a possibilidade de entenderem melhor a própria cultura e a alheia. Na minha experiência como professora, nunca uma turma deixou de se render a uma boa história. É humano.

O que motiva, toca, os temas e abordagens do objeto artístico terá infinitas diferentes recepções porque a experiência da arte amalgama-se com a experiência do indivíduo, consolida-se em uma teia capaz de fazer novas sinapses ao longo da evolução biográfica e intelectual de cada um que se propõe a avançar.

Se choramos ao assistir a um filme, se nos enraivecemos, se nos recusamos, se rimos, tudo é uma experiência real. A pessoa, do lado de fora da tela, respirando e existindo no mundo concreto das coisas, apresenta reações verdadeiras motivadas pela ficção, pela ilusão gerada por um time de artistas. E o que é verdade e o que não? Traçar esses limites é uma tarefa grandiosa com grande tendência a nunca acabar.

O cinema, a literatura, o teatro, a dança, as artes plásticas na arte-educação não podem ser um pretexto para outras coisas, não podem ser um passatempo, uma forma menos tediosa de se passarem as horas de aula. Tem que ter propósito e a convicção de que habilidades imprevistas serão despertadas. Tem-se que entranhar o objeto artístico na proposta de sala de aula, fazê-lo pertencer a aquele ambiente, gerar emoções. Em uma época tão maniqueísta e pragmática, falar de emoções é entendido como fraqueza, enrolação, mimimi. O professor não pode temer os sentimentos e, por isso mesmo, deve encará-los em sala de aula, pensá-los, ajudar seus sujeitos-alunos a elaborarem sua complexa vida interna pela linguagem, que é a racionalização e concretização dessa névoa que nos povoa. Nesse sentido, não basta fazer rir e chorar, mas pensar o riso e o choro. Há que se estar preparado para isso.

No universo técnico e tecnológico, em que a ênfase recai na utilidade, em como converter qualquer coisa em trabalho e ganho, apresentar abordagens que lutem contra esse reducionismo, que apresentem o ensino e suas práticas em um ambientação mais ampla, reflexiva, conectiva de pensamentos, ideias e símbolos pode ser entendido como perda de tempo, roubo do espaço necessário para as informações consideradas tacitamente como mais importantes. O que se coloca, entretanto, é que o sujeito não pode se eximir, negar ou anular o exercício da sensibilidade sem, com isso, perder a dimensão de humanidade dos relacionamentos sociais.

Se condicionarmos nosso comportamento a apenas observar a sucessão de nossos dias como trabalhar para manter-se vivo e manter-se vivo para ganhar cada vez mais dinheiro, embota-se a criatividade, neutraliza-se a geração de novos paradigmas, conceitos e produtos também, por que não? O estímulo à autonomia do aluno em sua aprendizagem e desenvolvimento acadêmico e profissional deve passar pelo aprofundamento de habilidades que incluem perspectivas múltiplas da realidade.

Que interesse aquele aluno, que não raro está abaixo da linha da miséria, tem em algo que não seja uma regra prática de melhorar o salário e, conseqüentemente, a qualidade de vida? Todos. A arte estimula uma amplificação e evolução de identidades, o contato com o sutil, o cru da vida condensados em uma tela, em um poema, em um filme, em uma música. Transforma o treinamento em educação e é fundamental na promoção da verticalização das formações profissionais e acadêmicas. O aluno galgar os degraus do PROEJA até a graduação é uma proposta de ampliar escolaridade e oportunidade. Para que isso aconteça, entre outros fatores, deve-se colocar o ensino de linguagens, de códigos como parte do time de protagonistas na organização dos cursos. O técnico deve dominar o produto, a máquina, o processo, a conta, a logística. Obviamente, não queremos que o mecânico nos recite um poema, quando o que desejamos é o conserto do carro. Queremos que o profissional do comércio pense a

profissão, o porquê de tais comportamentos, as territorialidades de seu local de trabalho, organize suas perspectivas não mais no desenrolar automático de tarefas, mas na criatividade possível pela reflexão dessas práticas.

Em uma das aulas de língua portuguesa no curso técnico em comércio, exibi o curta *“The fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore”*. É uma produção que não se utiliza da linguagem verbal e que versa sobre a importância da leitura na existência de cada pessoa. Dura, aproximadamente, quinze minutos. O objetivo era integrar o filme no processo de estimular nos alunos a curiosidade, o desejo por aprender, a ênfase no conhecimento em todas as suas possibilidades, utilitaristas ou não. Fiz um relato pessoal de leitora, do qual o essencial foram para meu crescimento como indivíduo e profissional e trocamos nossas experiências com livros, filmes, músicas, novelas... Ao final, um aluno, na casa dos quarenta anos, disse: “Professora, como é bom assistir a uma coisa linda dessas depois de um dia inteiro de trabalho”.

Se uma das propostas da educação é pensar o sujeito dentro dos sistemas simbólicos, culturais, ideológicos, o cinema constitui-se como espaço excelente para se contar essas histórias. Tão ancestral quanto os primeiros encontros construídos na linguagem. Estudar um filme é construir histórias, gerar experiências. Daí a minha tese de que uma geração educa a outra e não necessariamente na ordem do mais velho para o mais novo. E a arte educa a todos. Seja na percepção de seu próprio tempo, de si mesmo, do outro. E ela também deseduca. Ela também é utilizada pelo preconceito, pela alienação, pela manutenção de poderes de uma elite. A novela global, por exemplo. Cabe a nós, do lado de cá da tela, sabermos como construir as conexões com cada uma obra que se nos apresenta. O cinema não é bom nem é mau. Como os seres humanos. Ainda assim, sua funcionalidade artística pulsa forte cada vez que um filme se apresenta. Percebê-la é parte da tarefa de ensinar.

Assim também é na música, na literatura. E trazer as referências massificadas para a sala de aula também conta, porque geramos empatias e, ao mesmo tempo, descobrimos que cada aluno é um tratado cultural

por si só e que permitir-lhe a voz e a autoria das próprias referências é uma forma de empoderá-lo, de, muitas vezes, oferecer-lhe o único espaço em que suas raízes não serão ridicularizadas e em que ele poderá apropriar-se definitivamente delas para estabelecer-se no mundo sem negar a sua história.

## RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DAS ARTES NO PROEJA

A linguagem entendida como elemento que conecta uma humanidade na outra e os homens no tempo e espaço transcende os limites de conteúdos previamente preparados e vai tocar diferentes músicas, diferentes fibras quando colocada em exercício. Acredito, portanto, firmemente, que as aulas de artes e língua portuguesa buscam o entendimento do processo comunicativo como finalidade e não como meio. Encontrar novas formas de expressão desse eu no mundo é libertador.

Todavia, há métodos de ensino muito difundidos que estabelecem as linguagens como prisões, amedrontam o aluno atirando-lhes na face tudo o que não sabem, quando deveriam estimular a busca do conhecimento como algo revelador de uma identidade própria. Pensando o ser humano em sua complexidade, na multiplicidade de aspectos que o compõem, torna-se uma tarefa insana pretender dele o desenvolvimento de uma habilidade isolada.

Partindo desse princípio, iniciei as aulas de Artes, no quarto período matutino do PROEJA, quando eu ainda estava lotada no IFGoiano – Campus Rio Verde, falando do caráter de representação da arte e sua dubiedade de ser criação e realidade. Os seres e objetos que não existem se incorporam à vida concreta pela potência do ato, pelas reações e memórias que despertam.



Um livro que faz refletir, o filme que faz chorar, a música que alegra, por exemplo, são manifestações artísticas que suscitam efeitos, que adquirem função. Para a aula seguinte, solicitei que trouxessem uma música de que gostassem muito para que pudéssemos ouvir juntos e comentar.

A semana passou e nos encontramos novamente. Ouvimos KLB, Bruno e Marrone, Aline Barros, Zeca Baleiro. Começamos a conversar sobre os efeitos que as músicas provocavam. Alguns afirmavam que era música boa para ouvir lavando a casa, outros boa de namorar e por aí adiante. Perguntei se eles escolhiam a música pela qualidade. Ficaram desconfortáveis com a pergunta. Era o que eu pretendia provocar. Iniciei ali uma discussão de que a qualidade do objeto artístico nasce do gosto e que as divisões entre alta cultura e baixa cultura são criações que obedecem a vários princípios alheios às questões de estética, por exemplo. A panela de pressão esfriou. Começaram a comentar que não entendiam porque só gente como Caetano Veloso ou filme “chato” são chamados de inteligentes, cultos.

Foi um bom ensejo para pensarmos a respeito do preconceito contra a cultura popular, das ideologias de massacre e de menosprezo que tendem a intimidar e a agredir aqueles que não pertencem aos pouco habitados círculos de elite e identificamos o quanto a arte faz parte de nossas vidas e de nossa formação. Houve uma espécie de alívio ao ouvirem que a liberdade na experimentação da arte é fundamental pois o que se gosta (ou não) evidencia quem somos.

Como em toda discussão acalorada, os extremismos sempre surgem. Alguns alunos começaram a menosprezar os chamados clássicos, que certas músicas só servem para enterro, que não há música divertida na “alta cultura”. Foi o ponto de apoio que eu precisava para oferecer-lhes um espelho: “Vejam como vocês estão tendo a mesma atitude daqueles que ainda há pouco criticamos como elitistas e preconceituosos.” Defendi que arte só pode exercer seu papel de libertação, de prazer ou de angústia se nos abrimos para ela, se nos preparamos para recebê-la sem reservas prévias. E nossa aula acabou.

Na semana seguinte, disposta a provar que todos os nossos sentidos são convocados quando experienciamos arte, levei o aparelho de som para a aula. Perguntei a eles se conheciam um músico chamado Vivaldi. Pode soar estranho que, após toda aquela discussão de não se idealizar uma vertente cultural elitizada, eu tenha escolhido a música clássica. Devo ressaltar que a intenção da aula era demonstrar que se deve conhecer antes de se gostar ou desgostar. Responderam-me que nunca haviam ouvido falar dele. Conteí, em seguida, que ele compôs uma obra denominada as quatro estações e que selecionei a parte da primavera para eles. Pedi que ouvissem atentamente para, em seguida, escreverem uma história baseada no que ouviram. Assim, poderiam praticar o diálogo entre códigos diferentes.

Ouvimos a música, dez minutos dela. E escreveram os textos, alguns com mais entusiasmo, outros choramingando, páginas inteiras aqui, apenas parágrafos ali... Recolhi os textos e afirmei que na aula seguinte eu diria quem eles eram. As redações versaram sobre os mais variados temas: amor, fome, desemprego, casamento, superação... Confesso que a primavera vivaldiana associada a miséria assustou-me no início, mas corroborou para elucidar melhor um dado importante – que eles ainda estão naquele estágio que costumo chamar de infância da escrita. Não importam os temas que se apresentem, os alunos falarão de seus desejos. O que pode soar como dificuldade de entendimento de uma proposta, também pode ser vislumbrado como um alerta sonoro, claro, do que querem para si, da forma como percebem a sociedade e a si mesmos. O discurso dos alunos, de certa forma, se alienou do objeto que lhes foi apresentado e evidencia que aproveitam qualquer momento para falarem de suas angústias, de seus problemas.

Esse material de “humanidade” deve transformar-se também em fonte formal de ensino, uma vez que a transformação do indivíduo passa necessariamente pela expansão de suas perspectivas, pelo desenvolvimento de suas potencialidades, pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades.

Daí que, como professora, senti-me na obrigação de, cuidadosamente, ir inspirando-os a realizarem trabalhos que superassem o discurso auto-centrado, que pudessem orientar-se também pelo objeto de estudo.

O objetivo da aula era instigá-los a se abrirem para o novo e pensar a respeito dele, incorporar, por alguma via, aquela nova informação. Daí a divisão, intencional, das aulas em dois momentos—no primeiro, apresentariam livremente o que já conheciam, no segundo, o convite a explorarem o desconhecido. O que se verificou é que o sentido da audição, foi exercitado, um novo estímulo estético foi enviado. Todavia, a passagem de uma linguagem a outra, da música orquestrada à escrita não foi realizada.

Não estou afirmando que há uma traduzibilidade absoluta entre as diversas manifestações artísticas. O que existe, na verdade, é uma intenção despertada pelo elemento artístico que pode ser levada a várias linguagens diferentes. O quadro “O grito”, de Edvard Munch, apresenta uma representação de desespero, que, a despeito de múltiplas outras interpretações que podem ser elaboradas, não passa despercebida a nenhum observador, experiente ou não. Esse é um tema que pode ser re-apresentado em diferentes configurações, em um poema, uma música, um novo “retrato”...

Ao falarem de temas que não se convertiam ao diálogo com a música de Vivaldi, ofereceram-me a oportunidade de levantar várias hipóteses: não se concentraram o suficiente para incorporar a nova experiência, estavam atentos à música, mas não conseguiram estabelecer uma convergência da nova informação com o que já possuíam, gostaram da música, incorporaram a experiência, mas o código-alvo, a escrita, surgiu como um muro que impediu a expressão desse entendimento. O problema não seria a música, mas a escrita.

Tive, a partir dessa aula, muito claro qual seria o próximo passo das minhas aulas de artes – o trabalho com o código escrito como manifestação artística, de pensamento, de vivência, de libertação. Planejei o meu próximo passo separando material de grandes escritores que falassem das experiências que eles haviam relatado em seus textos.

A aula seguinte foi o momento do retorno dos seus trabalhos, do comentário do que haviam produzido. Esse é um momento que considero particularmente importante porque acredito que não possa haver aprendizado sem esse momento em que o aluno recebe o comentário do seu professor a respeito do seu desenvolvimento, do que já se alcançou e do que precisa ser buscado e, dependendo da atitude do profissional, esse pode ser um momento que passa a ser desejado pelo aluno, que, estimulado pelo processo de ensino-aprendizagem, vê na correção um dos instrumentos que lhe permitirão ampliar seus conhecimentos, suas habilidades. E, ao menos com essa turma, consegui oferecer-lhes essa perspectiva.

Realizei, primeiramente, os comentários gerais a respeito do que produziram. “Adivinhei” quem lia muita historinha de amor, quem lia a Bíblia, quem não gostava de obras de ficção, quem não lia nada intencionalmente, quem se boicotava, quem se escondia, quem era pragmático, quem era sonhador... Ficaram boquiabertos, “professora, como a senhora sabe?”. Entreguei meu segredo: assim como as pessoas nos deixam marcas, o que lemos também se mistura ao nosso discurso, ao nosso vocabulário, a nossa observação da vida. Demonstrei que não há problema nenhum em gostar de ler jornal e detestar obras de ficção e que o inverso também era verdadeiro, que as nossas escolhas nos identificam e que devemos cuidar da nossa capacidade de escolher, afinal, é isso que nos apresenta para o mundo.

Procedi à leitura de alguns trechos “anônimos” e comprovei com eles o quanto nosso discurso nos evidencia. Observe-se o seguinte excerto:

Na França no ano de 2000, aconteceu uma linda história que jamais poderíamos imaginar.

Eu era uma adolescente com bastante, sonhos, queria viajar, conhecer lugares, que fossem bem afastado e também romântico, pois ali eu estaria na mais felicidade que alguém possa ter vivido.

A autora do texto apresenta um discurso típico dos livros de romance vendidos nas bancas de jornal, que possuem um roteiro quase que pré-estabelecido, uma estruturação textual ligada a uma fórmula, sem espaço para manifestações de autoria, de marcação do estilo único de um autor. Ela mesma confirmou que não passa uma semana sem ler uma dessas obras. Elogiei-a e estimulei-a a continuar lendo. Afirmei que possuía um bom vocabulário e um bom domínio de frase. O que não contei a ela é que a redação que havia elaborado expressava implicitamente traços de uma personalidade romântica, e só. Um texto se passando na França tão distante, falando de uma história que obedece a um padrão previamente adotado não deu muito espaço para uma manifestação genuinamente pessoal. É um texto sem marcas individualizantes que transcendam as evidências ditadas pela escolha desse ou daquele tema. Meu plano de ação para ela é ir sugerindo novas leituras, próximas ao seu gosto, mas com outra construção de linguagem, para que possa ir além desse estágio da cópia e consiga estabelecer-se como “escritora” autônoma e pensante a respeito das mais diversas questões.

Em uma outra redação, o autor não se inspirou na movimentação alegre da primavera e, após ficar a maior parte aula, pensando no que iria escrever, acabou produzindo um texto voltado para a questão clichê de nossa época – o meio ambiente.

Em uma floresta castigada pelo sol, a seca era visível, as árvores sem folhas os riachos sem água. Quando passava por ali um viajante, com seu cigarro em brasa ele jogou ali, transformando aquela floresta seca, em um imenso inferno de labaredas, matando pássaros e bichos por toda floresta.

Entendi que ele, como todos os outros alunos, consegue, como esponja, apropriar-se dos discursos que circulam amplamente em nossa sociedade. Esse é um estágio importante da escrita. O próximo é conseguir concentrar-se em um tema e conseguir desenvolvê-lo, em trabalhar a percepção para que se tenha bem claro quem será figura e quem será fundo no momento da escrita. É um aluno que foi pouco estimulado pelo universo da escrita, como

bem atestado por ele mesmo em sua fala: “Professora, não tenho paciência de ler”. Mesmo assim, salientei a correção ortográfica do texto, o recurso de descrição da paisagem adotado por ele e da incorporação eficiente das marcas presentes no gênero narrativo. Corrigi as palavras fora do padrão e apresentei-lhe o desafio de “encorpar” mais a sua escrita, aprofundar temas, distanciar-se do superficial e ele aceitou.

Estive sempre atenta ao fato de que a minha proposta não era específica, possuía um espectro bem amplo de alcance. Contudo, os arranjos, a condução da música vivaldiana apresentada a eles sugeriu um movimento alegre e essa alegria e leveza poderiam se converter na intenção de qualquer texto que produzissem. Essa falta de delimitação foi proposital, porque, assim, eu poderia perceber melhor os sujeitos da escrita, pelas escolhas temáticas que fizessem, pela orientação discursiva que assumissem e, por esse caminho, posso afirmar que as aulas foram muito produtivas para todos nós. Quando afirmo que muitos não conseguiram atender à proposta, situo-me mais no campo das formações discursivas que nas musicais, mais na individualização do texto que nas escolhas temáticas. As minhas aulas foram elaboradas de maneira a convergirem para o código escrito por uma percepção minha de que os momentos de discussão de arte não formarão músicos, pintores, escultores, nem todos possuem o “gênio” para tais modalidades, mas todos possuem o condão da linguagem verbal, e ela é uma habilidade obrigatória que não se circunscreve à área dos talentos específicos.

Discuti muito com eles a questão de que nem todas as situações por que passaremos na vida nos oferecerão o espaço de expressarmos nossas angústias, nossos problemas. Todos os alunos da turma expressaram o seu espanto ao perceberem, concretamente, enfim, o tão divulgado poder da linguagem, o quanto o seu uso pode nos denunciar, pode nos entregar para o outro e notei que passaram a valorizar mais as próprias formações discursivas.

A sala de aula pode ser esse espaço em que se torna público e compartilhado um drama individual, mas ela também é um espaço formal, é um espaço de aquisição de conhecimentos e habilidades que são necessários

ao trânsito social. Nesse sentido, quando solicitados a cumprirem uma solicitação específica, devem ficar mais atentos para que possam cumprir com êxito a tarefa. O não atendimento de uma proposta compromete o resultado final de um plano traçado para a obtenção de um emprego, de uma colocação melhor no mercado. Dado que o PROEJA apresenta essa dimensão de ensino e trabalho integrados, deve-se assumir que o preparo para a sobrevivência, que fatalmente passa pela obtenção de meios financeiros para consegui-la, deve ser considerado em sala de aula. A profissão também é um elemento importante na formação identitária do sujeito.

Uma abordagem tão pragmática em uma aula de artes não é uma fuga do tema, ou desvio de proposta das aulas. Atravessa o campo da formação de competências, da aproximação do estético às questões cotidianas, largamente incorporadas pelo mundo artístico. Não aconteceu nenhum fato grandioso em minha aula, nenhuma catarse absoluta. Nada dramático, só a vida acontecendo e a gente realmente pensando nela e tentando melhorar...

## LER EM REDE

O ser humano é movido pela simbolização de sua realidade e não há indivíduo sobre a terra que não se interesse por uma boa história. Da leitura do que existe no mundo para a mediação dessa leitura pelo código da escrita, entranham-se as grandes dificuldades que o sistema contemporâneo de educação enfrenta. Ler a escrita é diferente da escuta das narrativas orais. Para ler e escrever, o cidadão deve ter sido exposto a uma situação formal, mesmo que fora da escola, metalinguística. A criança aprende a falar pela exposição aos códigos e usos de sua comunidade, mas, no manejo da palavra fixada no papel ou na tela de um computador, há que se ter o ensino “de propósito”, é outro exercício, outra dinâmica nas comunicações.

Em um país com uma cicatriz secular de analfabetismo, de exclusão de milhões aos códigos que lhes regem a vida civil, o ato de ler é colocado, dentro do senso comum, como para poucos, para predestinados, para os misteriosos intelectuais. Há que se dessacralizar a figura do leitor, há que se aproximar verdadeiramente a literatura, o universo da escrita dos indivíduos, há que se ofertar um ensino focado nas competências e habilidades a serem ampliadas, desenvolvidas, criadas e distanciado da ideia de que estudar estabelece um muro entre uma elite e o resto. Divulgar que o povo brasileiro não lê, não gosta de ler, é o mesmo que tentar marcar o ponto exato onde começa e termina o círculo, é culpar o assaltado pelo crime de que foi vítima.

A leitura nasce da empatia, do estabelecimento de um diálogo completo entre a experiência do leitor e a da obra, do despertar de desejos e novas perspectivas, do desafio, de uma resposta e muitas perguntas. Como despertarmos o leitor inato de cada sujeito se a apresentação da leitura a eles é colocada na clave do impossível? Se o moleque nem atravessou um conto de fadas, um gibi e já tem que ler Guimarães Rosa só para fazer prova no vestibular? É de quebrar as pernas um salto desse. As “sagradas escrituras”, os livros “difíceis” são colocados como fronteiras para que o cidadão comum se veja impotente, incapaz no exercício de sua língua-mãe. A sofisticação dos processos de leitura vai sendo construída em uma vida inteira de conversas com diferentes obras, diferentes autores, no angariar de novas possibilidades.

Está na hora da biblioteca, da livraria, deixarem de ser ambientes apenas para apreciadores de café que usam blusa amarrada no pescoço. Está na hora dos espaços públicos e comerciais de leitura serem mais convidativos e menos intimidadores. Para isso, há que se desmistificar a figura da leitura e do leitor. Conheci, em várias cidades em que trabalhei, guardiões de bibliotecas que não emprestavam os livros para a molecada para evitar que se estragassem, ficavam guardados nos plásticos mesmos com que as editoras os enviavam. E o que dizer dos professores que não gostam de ler, que não escrevem eles mesmos textos para compartilhar com os alunos? Existe muita tarefa de casa por fazer.



A verdade, como toda boa história, é múltipla. Livros são muito caros no Brasil. O trabalhador salário-mínimo não consegue dispor de quarenta reais para gastar em um único livro por mês. E as bibliotecas são terríveis, com cara de mausoléu, opressoras para os que não se sentem à vontade com o universo “letrado”, e de acervo risível, apesar de que se chora fácil quando se entra em um lugar com poucas opções.

Outro elemento que não se pode negligenciar são as obras “pirateadas” na rede. Com relativa facilidade, encontram-se pdfs de muitas obras disponíveis na internet, é o mesmo processo do xerocar o livro inteiro, mas elevado à máxima potência. Há *sites* importantes que realizam a divulgação de obras que já pertençam ao domínio público e há as páginas que disponibilizam, gratuitamente, obras caras nas livrarias, protegidas pelos direitos autorais. Apesar da ilegalidade, do crime, não se pode negar o aspecto positivo que denuncia que há leitores para esses livros. Nesse sentido, não se pode medir a “quantidade” de leitores e leituras pelo volume de obras compradas nas lojas.

Além dos pdfs, essa entrada massiva de *tablets*, celulares chiques, netbooks, notebooks no mercado, favoreceu o consumo dos e-books, que serão um ponto forte de vendas nesse comércio da leitura, mas que existirá concomitantemente com as obras no papel, que, acredito eu, sempre terão o seu espaço cativo nas mãos de quem gosta de ler.

Acredito em um futuro promissor nas redes sociais, nos *blogs*, nos *sites* de “anônimos”. Percebo, ainda, um traço marcante de nossa contemporaneidade que são esses conhecimentos comprimidos, de pílula, metonímicos o suficiente para se acreditar que se pode substituir a leitura da obra inteira por um pedacinho, pedacinho que ainda é torcido para se converter em mensagem de auto ajuda. Isso não é ler, é mutilar, mas é um ponto de partida. O grande desafio é provocar o suficiente para que o sujeito se sinta necessitado de ler a obra inteira, de conhecer melhor “esse negócio”. Como professora de linguagem, não me conformo com migalhas, mas sempre deposito minha esperança no-pouco-que-seja, ansiando por

ampliá-lo. E não se pode negar que a internet veio com um potencial enorme de democratização dos acessos ao conhecimento. E os comércios de livros vão ter que se reinventar. Assim como os de outras mídias.

Livro não é remédio, não é comida, não é casa, não é rua asfaltada. Livro é passaporte – para aprofundar o conhecimento de si mesmo e do outro, para o entendimento autônomo da realidade, para o afiar do senso crítico, para uma visão menos limitada da vida. Uma sociedade sem leitores é um curral. Um indivíduo sem leitura é menos cidadão e mais intolerante. Precisamos cultivar esse processo de leitura porque ele nos permite um exercício profundo da individualidade, de fazer andar uma obra em um ritmo pessoal, em um tempo particular, no exercício precioso da abstração, da criação de conexões, do fortalecimento da identidade. Em nossa cultura, não apreciar e entender o código da escrita é a morte da cidadania. Quem apenas lê frases de efeito e manifestos de duas linhas, pende, muito facilmente, à manipulação, esvazia-se da memória de sua cultura e torna-se inconsciente de sua própria força, de sua própria medida. O grande desafio de ler, hoje, é aceitar uma passagem de tempo mais demorada, menos gritante, mais íntima, é encontrar espaço para se perceber sendo.

## GÊNEROS TEXTUAIS – PRODUÇÃO E RECEPÇÃO

Escrever é um processo de múltiplas variáveis em que a experiência, razão e afetos se mesclam e constroem os degraus primeiros dos passos a serem empreendidos pelo leitor. Leitura e escrita, portanto, não se dissociam, não se separam, não se isolam, uma vez que o ato de produzir um texto deve pressupor um leitor, deve visualizá-lo, construí-lo, almejá-lo, não se distancia do ato de recepção, que é reescrever sentidos, redirecioná-los, redimensioná-los. Interpretar o escrito insere-se em um processo de reescritura.

Só lê de verdade quem se torna íntimo da escrita, quem reconhece os artifícios, os intervalos, as possibilidades, os mecanismos linguísticos e extralinguísticos que dinamizam o movimento semântico e reestruturam, inclusive, papéis sociais. Nesse palco de nossa vida civil, de nossa vida pessoal, as falas não estão prontas, mas o modo de apresentação do discurso é uma espécie de rubrica dos modos de apresentação, A relação estabelecida entre os personagens, a função de um em relação ao outros está para ser elaborada, corrigida, quebrada.

A linguagem não é inocente, é de propósito e é identidade. E não é uma só. Ao ser utilizada, usa o falante e marca os espaços culturais e ideológicos. A pessoa que não aprendeu a manipular esse código é manipulada por ele. Vê os contratos de trabalho, as leis, os contratos de crediário, os currículos requisitados, estão em um formato e imersos em uma rede de obrigatoriedades que, se não bem observadas, excluem ainda mais o indivíduo de sua cidadania.

Nesse sentido, o texto seleciona o seu leitor, seleciona, por meio de seu autor, quem terá acesso a suas informações, aos seus sentidos. Mesmo que o sujeito alfabetizado decodifique, há sentidos que estarão na latência, demandando maior traquejo na escrita para que possam ser denunciados. E os grandes perigos e as grandes revelações ficam morando aí. À espera de alguém que saiba manuseá-los. Ler não é juntar sílabas, ver o código, ler é construir o texto lido e, assim, assumir também a sua autoria.

Os gêneros textuais populares, a cantiga, o caso, a moda de viola, o repente, a improvisação dos rapeiros ou rappers, são modalidades discursivas negligenciadas no gerenciamento dos direitos civis, são vistos como menores, menos produtivos, por uma elite que, nas palavras de Paulo Freire, acredita que

(...) há uma incapacidade quase natural do povão. Incapaz de pensar certo, de abstrair, de conhecer, de criar, eternamente “de menor”, permanentemente exposto às ideias chamadas exóticas, o povão precisa ser “defendido”. A sabedoria popular não existe, as

manifestações autênticas da cultura do povo não existem, a memória de suas lutas precisa ser esquecida, ou aquelas lutas contadas de maneira diferente; a proverbial “incultura” do povão não permite que ele participe ativamente da reinvenção constante da sua sociedade.” (FREIRE, 1992, p. 32)

A grande mídia e até o universo acadêmico coloca os trabalhadores como objetos de estudo e de renda, não como sujeitos também capazes de entender e questionar a própria realidade. Convenciona-se que quem fala “errado” é todo errado e incompetente no pensar, que é engraçado, que tenha alguma sabedoria com a vida, mas nada que o coloque no centro das decisões ou nos programas jornalísticos. Pobre serve para entretenimento e para café filosófico, nunca para colocar sua fala no discurso que fala dele.

A linguagem, em sua modalidade verbal, não é boa ou má, é profundamente receptiva das movimentações sociais, políticas, ideológicas, culturais que lhe vão dando os pólos negativos e positivos, o que é “melhor” e o que é “menor”. A língua não diz isso, inclusive, os gêneros do discurso selecionados para as comunicações oficiais, são fruto de uma escolha em que a elite econômica busca os caminhos mais avançados de se negar a cultura de um povo, o conhecimento que ele poderia compartilhar, as contribuições que poderia oferecer à sociedade são constantemente alvo de ataques de silenciamento dessas vozes.

As várias estratégias de se menosprezar uma identidade trazem em si um movimento que, na superfície, faz o contrário. Estimula, superexpõe como se valorasse aquelas referências. Na verdade, o desenraizamento, a espetacularização pela grande mídia do que seria popular, só vai diminuindo os sentidos genuínos dessas manifestações culturais. Desde as baianas convertidas em um monte de saias girando no carnaval, sem se conversar o porquê desse movimento, até as coberturas televisivas das “pitorescas” festas de São João, o que se vai alcançado é uma casca de ovo, uma imagem vazia, estéril de identidades e de raízes constitutivas de um estar no mundo.

Os gêneros discursivos são peças centrais desse quebra-cabeça de embates sociais e de luta por angariar um lugar no campo do direito de existir sem se anular as diferenças. Se a mídia elitista esvazia e menospreza o conhecimento do povo, o povo também pode se apropriar dos processos linguísticos/políticos da elite. É aqui que a educação coloca suas armas, que participa da construção de novos saberes, que analisa as novas modalidades, que deixa disponível o privilegiado universo da escrita, tão intrincado quanto o da fala, a todos os indivíduos em busca de uma cidadania que não lhes negue o direito as suas origens.

Dessa forma,

Descrever e explicar gêneros textuais relativamente às representações, relações sociais e identidades neles embutidas poderá servir para evidenciar que, no discurso, e através dele, os indivíduos produzem, reproduzem, ou desafiam as estruturas e as práticas sociais onde se inserem. Uma abordagem crítica dessa natureza poderá ajudar a entender que representar o mundo de uma determinada maneira, construir e interpretar textos evidenciando determinadas relações e identidades constituem formas de ideologia. (MEURER, 2002, p. 28)

Vislumbra-se um ensino de linguagem ativo, disposto a interferir nas construções linguísticas, instrumentalizar os estudantes no manuseio dessas armas e torná-los aptos a se apropriarem desses elementos para não apenas reproduzi-los, mas repensá-los. O ensino da escrita é, acima de tudo, o ensino do texto. Não na perspectiva de tijolos, em que, da elaboração de frases, vai se construindo um discurso. Entende-se texto como entidade que se coloca no ato primeiro da produção escrita, na intencionalidade orientada na fluência da comunicação, da construção de sentidos. As frases que daí advêm já nascem impregnadas da sua função perante outras. E o movimento de ascendência e descendência, do texto à frase, da frase ao texto, vão se alternando, se sobrepondo, inclusive, no ato da leitura. A seleção vocabular, a estruturação das frases, os mecanismos pertinentes ao gêneros adotados, o objetivo, a reação desejada, o leitor esperado, as condições de produção dessa escrita, tudo entra em cena quando o vazio do papel ou da tela se preenche de linguagem.

Para que o processo de escrita se desenvolva e se coloque em evolução, a construção de significados deve caminhar do que seria o estágio umbilical da linguagem ao que se pode considerar foco na referência, ou o engodo do distanciamento do eu. Nas primeiras experiências de leitura e escrita, o sujeito pode estar ainda construindo sentidos apenas em torno de si, de suas experiências biográficas, do seu contexto concreto de cotidiano, os elementos semânticos vêm apenas na tentativa e, por vezes, distorção para que se encaixem em alguma informação já existente. Um exemplo forte desse processo pode ser encontrado nesse novo espaço preche de novos gêneros que é o on-line. No facebook, há a construção de quadrinhos, mensagens replicadas aos milhares com um foco em conselhos de vida. Podem ser frases de autores consagrados, piadas, mas os comentários e direcionamentos, não raro, resvalam para uma espécie de autoajuda, de compartilhamento de experiências íntimas e pessoais que podem manter-se no espaço privado ou firmar-se como experiência coletiva, são “eus” constituindo-se como “outros” também ao se publicizarem.

Essa fase umbilical nunca é superada, uma vez que seria necessário deixar de existir para não se ser contaminado pela própria existência. O indivíduo estará sempre falando de um lugar, de uma perspectiva, por mais que tente se expandir. É possível, entretanto, ganhar algum distanciamento, tentar, ao máximo, olhar de fora, instaurando o processo de foco no referente, substituindo-se a concretude da experiência pela abstração do processo reflexivo. Se o estudante quiser produzir um texto a respeito das perspectivas do mercado de trabalho, poderá utilizar sua experiência como trabalhador para chegar a um processo em que ele desloque essa experiência para um contexto mais amplo, envolvendo uma figura abstrata de trabalhador e tecendo reflexões a respeito das causalidades, dos procedimentos históricos, ideológicos, buscando enxergar o indivíduo pela sociedade e não somente a sociedade pelo indivíduo. É o refinamento e a integração da terceira pessoa, por assim dizer. Começar por “Meu ambiente de trabalho é ruim” e chegar a “As relações de trabalho são compostas

por múltiplas variáveis, dentre elas...”. Salienta-se que não há hierarquia entre conhecimento pela experiência pessoal e conhecimento gerado pela própria experiência de conhecer, mas uma imbricação.

Nesse sentido, há que se sensibilizar o estudante para perceber a linguagem não mais como apenas um veículo, mas como um processo sempre desafiador de construção. A busca pela estesia, pela preocupação de escrever melhor essa frase, de desenvolver mais esse argumento, de discutir uma ideia que perturba ou desafia é fundamental para estabelecer a escrita de propósito em suas vidas, não pela visão periférica de um cartaz de produto em promoção, e sim pela observação do fazer escrito. Como conseguir tais efeitos se um curso de língua portuguesa se orientar apenas aos formatos da comunicação técnica, sem antes desenvolver a habilidade e a competência do discurso? Gênero textual não é formato, regras fixas a serem seguidas e espaços pré-determinados a serem preenchidos, é também uma experiência de linguagem, um posicionamento. Seja uma carta comercial ou um ensaio, nenhum texto será neutro, será sempre culpado de alguma coisa, desde a escolha do tom, do ethos (MAINGUENEAU, 1997), seja pelo motivo, pela intenção, tantos elementos a se concentrarem na escrita e na expectativa e leitura, na leitura e na expectativa da escrita, que não se pode passar pelo chamado português instrumental tentando buscar autômatos de texto. Até porque

Porque o que chamamos de sentido só emerge como de fato novo, como fato novo, na diferença, no diferimento e na dilatação do conteúdo primeiro de outro texto. Sentido nunca é o que já está lá (por mais precioso que seja o conteúdo da arca), mas se torna aquilo que emerge na articulação contextual, a que apenas a leitura intensiva dá lugar.

Se os métodos de “abordagem” proliferam hoje, tornando quase impossível um recenseamento exaustivo das inúmeras possibilidades, é porque os contextos de recepção e leitura cada vez menos se deixam saturar. Por mais que isso nos aflija, não há como desejar um método hegemônico de leitura, mesmo porque, como dito, a questão do método não se coloca em termos de aplicação de regras e conceitos a textos específicos. (NASCIMENTO, 2008, p. 129).

Os gêneros textuais não são estáticos, estão em constante redimensionamento pela alteração das relações de trabalho, pela essência própria das artes, pela modificação nos contratos de relacionamentos, pessoais, profissionais, pelos novos modos e espaços de produção. Os mecanismos de publicação digital, por exemplo, instauraram novas perguntas discursivas, como o *twitter, facebook, blogs, messengers, e-mail*, e novos modos de aproximação entre ideias e pessoas. Circulares enviadas pelo correio eletrônico, publicidade, livros digitalizados, a relação com o acesso à informação interfere, por sua vez, nas práticas discursivas que se atualizam, se reconfiguram.

Mesmo na correspondência comercial, oficial, há uma série de desvãos preenchidos pela ilusória comunicação objetiva e imparcial, que recebe interferências sociais, políticas, ideológicas, culturais, pessoais desde a sua produção até sua recepção. É saudável que o aluno transite por diversos gêneros textuais até para estabelecer, minimamente, as diferenças e aproximações entre uma modalidade e outra. Em outras palavras,

Não basta circular os textos em sua diversidade na escola; é preciso aparelhar os alunos para sua recepção. Para isso, faz-se necessário explicitar as diferentes estratégias de composição textual, que resultam em diferentes tipos de textos: informativos, opinativos, didáticos, literários, entre outros. Mais que discutir a validade de tais classificações, importa analisar os textos em sua composição, observando o contexto de sua produção, circulação e consumo. (PAULINO, 2001, p. 30)

A linguagem, mesmo que metodologicamente decomposta pelos pesquisadores ou por professores em momentos específicos no trabalho de ensino-aprendizagem, deve ser buscada em sua multidimensionalidade. Muitas dificuldades em interpretar um texto nascem da dificuldade em contextualizar um ideia em relação a outras, a contextos, a informações aparentemente alheias ao contexto gerador. Com a divisão do trabalho, na alteração dos modos de produção em que o funcionário aperta o parafuso mas não enxerga o carro inteiro, estabeleceu-se um modo de observação do mundo



também. Observando-se as partes decompostas, perde-se a noção de todo, de relacionamento entre elas, de funções contraídas pelo ambiente em que se integram. Isso vale para interpretação de texto, para a reflexão a respeito da sociedade, cultura, dos processos midiáticos, das ciências e seus isolamentos, dos diálogos mal costurados entre as áreas dos saberes. Edgar Morin, em seu livro **A cabeça bem-feita**, aponta esse grande problema do ensino atual:

Assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão de trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber, não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira.

Em vez de corrigir esses desenvolvimentos, nosso sistema de ensino obedece a eles. Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2010, p.15)

O grande desafio é estabelecer conexões, diálogos entre as diversas áreas e possibilidades de conhecimento sem, ao mesmo tempo, perderem-se os elementos essenciais a constituírem determinado campo. A integração ou interdisciplinaridade se estabelece e ganha forma nos entrelaçamentos e não na diluição dos saberes. Sendo assim, o ensino de linguagem não deixará de ensinar linguagem, mas o ampliará às potencialidades, expandirá os olhares em que o aprender será colocado em fluxo dinâmico de várias direções e vias.

Essa divisão em isolamentos se percebe não entre diferentes campos, mas na mesma área também. A partir do momento que um professor de literatura se recusa a ensinar língua portuguesa, que o professor de língua portuguesa não se sente apto a trabalhar com os novos espaços gerados no comunicar-se, tem-se gerado um paradoxo, uma superespecialização em que o próprio estudo da linguagem se perde em sua unidade e recua em sua

extensão. Ao se avaliar o ensino-aprendizagem, há que serem avaliados todos os atores desse processo, inclusive o perfil do profissional da educação, que deverá ser fluente no todo e nas partes que compõem seu raio de atuação.

O ensino de língua portuguesa, focado em absorver as regras da gramática normativa, gera uma rejeição ao que existe de mais natural da essência e ferramenta humanas que é a linguagem. O aluno não se sente conhecedor de sua própria língua, incorpora a sensação de impotência no uso do código escrito e se sente diminuído, destituído daquilo que lhe pertence de fato e de direito – a língua portuguesa. Ao se instituir que existem pessoas que falam “melhor”, mais “corretamente”, que são mais “inteligentes”, que se expressam “com elegância”, emerge o preconceito linguístico, a concepção errônea de que a língua se restringe a conhecer regras que, não raro, fogem ao uso cotidiano da palavra. Nenhum cidadão se sentirá constrangido em relação à língua portuguesa, no uso familiar e pessoal dela. Colocado, todavia, em círculos alheios ao seu círculo mais íntimo, sentirá o peso de ser julgado pelo sotaque, pelo “s” a mais ou a menos, pelo léxico de que se utiliza. E verá a grande mídia ridicularizando seu modo de fala, verá Nordeste e Centro-Oeste relegados ao núcleo de humor das novelas, e haverá um ruído que se quer cômico sempre que algum apresentador infringir alguma regra da gramática padrão. Um apito que pode se traduzir no olhar das pessoas, no balançar de cabeças, nos risos mal-disfarçados.

É importante, sempre que se iniciar um curso de língua portuguesa, que se questione os alunos o que eles entendem como língua portuguesa, para que serve, se eles sabem... Encontrar as concepções a respeito para discuti-las, colocá-las em perspectiva, baixar um pouco os filtros emocionais a respeito de ser corrigido, ser considerado um ser humano errado apenas pela variação linguística que utiliza. Ao quebrar a rejeição à língua que lhes pertence, iniciar um processo de ensino que não seja fragmentado, que a preocupação em classificar orações subordinadas reduzidas recue para que

o aluno se aproprie da sintaxe como mecanismo de escrita e de leitura, que se perceba no uso dessas estruturas em suas diversas possibilidades, que se aproprie delas ao invés de ser expulso da casa de sua própria língua. Na desautomatização da “visão corrente dos fatos da língua” (ILARI, 1997, p. 10), tanto professor como aluno poderão utilizar a permeabilidade do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 318) para que os significados aflorem, que as referências históricas, ideológicas, subjetivas venham à tona e que se desperte o desejo de evoluir sempre no manuseio da língua, seja para quem ensina e para quem aprende, posições que não são fronteiras, mas fluxo.

Para se entender o substantivo, deve-se compreender o seu lugar na construção de estruturas e sentidos, seus desdobramentos, sua função contraída na relação com outras categorias, construir o que está à espera. As relações estabelecidas entre classes, funções, as contaminações geradas pelo sentido, o comando da semântica e suas peculiaridades, os espaços de alteridade, toda essa máquina é colocada em movimento a cada novo ato de comunicação, seja pela fala e/ou pela escrita.

A proposta de ensinar pelo texto busca esse diálogo em corpo vivo, e não em necrotério de significados extintos, na dinâmica em que leitor também chame para si a autoria do lê, que os modos de produção de um texto auxiliem nas leituras do mundo e dos fatos da vida. Despertar o gosto pela observação de propósito da linguagem torna-se fundamental nessa seara do despertar leitores e escritores. Heidegger (2003) afirma que

Fazer uma experiência com a linguagem significa portanto: deixarmos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando. Se é verdade que o homem, quer o saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação íntima de nossa presença. Nós, nós que falamos a linguagem, podemos nos transformar com essas experiências, da noite para o dia ou com o tempo. Mas talvez fazer uma experiência com a linguagem, seja algo grande demais para nós, homens de hoje, mesmo quando essa experiência só chega ao ponto

de nos tornar por uma primeira vez atentos para a nossa relação com a linguagem e partir daí permaneceremos compenetrados nessa relação. (HEIDEGGER, 2003, p. 121)

O ser humano é composto de seu corpo e de sua linguagem, não é nada parecido com os estereótipos do começo dos tempos em que os homens primitivos iam nomeando o mundo apenas apontando e colocando o nome. Ao nomear, esse homem já estava envolvido, na própria respiração, na significação do mundo, na complexidade de traduzir a si mesmo e ao mundo em algo que lhe fosse interno e externo – a sintaxe, o ambiente, o indefinível, se somaram na construção do discurso. A palavra casa não é apenas designação do que nos mantém abrigados, mas família, sensações díspares de aconchego, abandono, ausências, fatos, pessoas e objetos transitivos na memória, exclusão, justiça, desigualdade, o que se pensou e o que ainda não se pensou a seu respeito.

O homem se confunde com a própria linguagem e entender é isso, é resgatar identidades, colocá-las em dinâmicas de autonomia. Se algo acontece, o indivíduo quer falar sobre isso, se assiste a um filme, suas impressões se transmitem pela língua verbal, estamos na conversão constante do nosso estar no mundo em linguagem. E essa conversão nunca é perfeita, nunca é plena, há sempre os elementos que escapam, o discurso imperfeito na transmissão do que desejamos transmitir, há a impotência e potência constante do desafio de se dizer, de se escrever.

Deve-se abolir a anestesia diária em que nos cobrimos no apressado dia que temos. Nunca houve tantos cartazes com a palavra “promoção” como nesses tempos, mas ainda há pessoas que escrevem essa palavra fora da norma padrão em textos formais, porque vemos mal, apenas começamos a enxergar e completamos o restante com o que já possuímos. Negamos o acesso à observação curiosa e perdemos a possibilidade de aprender.



# **SALA DOS PROFESSORES**



## O PESADELO DA ESCRITA

Para alguns, a escrita pode ser um ato sublime, de inspiração, para outros, um processo indiferente, para muitos, dolorosa, impossível até. Qual a razão da dificuldade de se pensar por escrito? Se a língua é a imagem verbal do pensamento, pensa mal quem escreve mal? Na verdade, as conclusões não podem ser simplistas assim...

Simples deveria ser a maneira como enxergamos o ato de escrever. Desde que ingressamos na escola, aprendemos a venerar as palavras impressas e a acreditar na superioridade daqueles que publicam livros. Qualquer produto de editoras já se torna bíblico para nós. Não se pode discordar, afinal, esse cara escreveu um livro... E assim, vão-se amontoando ideias que não são assimiladas, que não são entendidas, que não são incorporadas a uma visão de mundo. Escrever é para os outros, é para os que têm a chave e o fecho de ouro. É realmente difícil produzir algo quando as expectativas estão no horizonte inalcançável dos grandes mestres. Quantas vezes professores não escutam “Nunca vou conseguir escrever assim”. Em sala de aula, exigem-se saltos olímpicos de quem ainda não sabe ao menos engatinhar.

“O laço de Lili” acompanha o estudante desde a alfabetização até os bancos universitários. Ler é mecânico. É um ato de onde não se extrai nenhum prazer, nada de interessante. O aluno chega ao Ensino Médio e lhe são impostas leituras de Camões a Machado de Assis, quando ele mal conseguiu passar por um livro ou outro da Coleção Vagalume. Então, conclui-se, não se deve ler os clássicos? Eles são os culpados pelo bloqueio que muitos sentem ao se depararem com uma situação em que precisam escrever?

Perguntas erradas, respostas desastrosas. Não se deve, absolutamente, nivelar por baixo. Não se deve, de forma alguma, diminuir o nível de exigência para manter os nossos alunos confortáveis. O que se deve é fazê-



los trilhar o caminho. Caminho que começa quando a criança já consegue diferenciar o rótulo da Coca-Cola e o do Guaraná, quando a criança vai dormir e os pais surgem e contam uma história e, com o tempo, pedem para que ela também conte as suas.

É assim que se vai derrubando o mito da esfera impossível. A escrita e a leitura vão deixar de fazer parte de um universo paralelo e negativo e serão incorporadas ao cotidiano do indivíduo. A sua carreira escolar será desde sempre pautada na reflexão e na apresentação de ideias que falem, de alguma forma, sobre a sua vida. Os conhecimentos esotéricos poderão esperar mais um pouco...

Entende-se por “esotérico” todo aquele conhecimento que não está ao alcance das necessidades do aluno, que, ao questionar o professor, recebe uma resposta como “Você ainda não consegue entender” ou “Isso é algo que você irá aprender depois”. E o estudante se acomoda e se acostuma a deixar para depois, a não interrogar pois ainda não sabe o suficiente, a não se expressar porque tudo o que ele disser o professor já sabe.

Pode-se argumentar que muito já foi feito em relação aos estudos da linguagem, que já se modificou muito a concepção ultrapassada de que as regras gramaticais e o responder de questionários não podem mais ser o objetivo primordial, mas mecanismos, instrumentos apenas. Todavia, dos muitos e bons estudos que serviram para iniciar a mudança dessa condição alienadora de professores e alunos, ainda estão no campo das teorias. Ainda existe um abismo entre a teorização e a aplicação prática dessas novas ideias. A concepção mudou, mas as aulas ainda são as mesmas e os alunos ainda têm dificuldades alarmantes tanto na escrita, como na leitura. Por quê?

A prática mais usada nas salas de aula é de: 1. apresentar o tema; 2. ler um texto sobre o tema apresentado; 3. discutir o texto; 4. escrever um texto baseado no que foi apresentado e nas discussões feitas em sala. Ótimo, já que se sabe que o obstáculo mais árduo é justamente a falta de

ideias, de reflexão. Entretanto, algo está errado. Ainda se desliza na velha concepção de que só não escreve quem não sabe. Dê ideias para o aluno e pronto. É só escrever. Grande engano! Não estamos na era da comunicação, da imagem, da internet, da globalização? Nunca nossos alunos estiveram tão expostos a informações. Então, por que não estão escrevendo melhor? Por que têm problemas em entender um texto mais complexo?

A resposta é simples. Os mitos ainda não foram desconstruídos. Escrever bem continua sendo um privilégio dos eleitos, ler é algo tão chato quanto fazer prova... Deve-se ensinar a esses alunos que a escrita e a leitura são PROCESSOS e que ele precisa partir do conhecimento que já possui para enfrentar o novo. Coloque o novo ao alcance deles, ao invés de o jogarem nas “abóbadas celestes”. Cada um possui o seu tempo, o seu peculiar ponto de partida. É preciso respeitar isso. É preciso despertar interesse. Quantas dúvidas não existem em todas as etapas de desenvolvimento, quantas dúvidas atravessam a adolescência, a fase da “adultice”? Por que não trabalhar com leituras que ajudem a entender e conviver melhor com a eterna situação de questionamento do ser humano?

Entretanto, a pergunta ainda está no ar. Por que, mesmo após uma discussão, uma exposição sobre determinado assunto, o aluno ainda não escreve melhor? Porque a leitura e a escrita, apesar de estarem intimamente ligadas, não são a mesma coisa. O estudante, trabalhando oralmente as ideias, suas e dos outros, está num ambiente de complementação, de auxílio. A escrita é um ato solitário, é a defesa de opiniões feita em um contexto pessoalíssimo. E falar também não é o mesmo que escrever... O que fazer então?

Após destruídos os mitos, deve-se ensinar ao aluno que, num primeiro momento, precisa esquecer a oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo e se preocupar apenas em escrever as próprias ideias, o que pensa, as dúvidas, as respostas de que dispõe.

Depois, ensiná-lo a elaborar aquele rascunho e, aí sim, as estruturas devem ser apresentadas em sua funcionalidade. Ler o texto com ele, apontar sugestões e explicar os seus porquês. Após feita a correção com o aluno, a correção do professor, que a retornará ao estudante apontando-lhe os principais problemas e como lidar com eles.

Esbarra-se aqui, na concepção do erro. Mais um dos mitos. O aluno se envergonha de escrever e ver os seus erros apontados pelo professor porque foi condicionado a pensar que errar significa deficiência, imperfeição, burrice. Pensa o aluno: “Não consigo escrever tão bem quanto o professor deseja” e se diminui. O professor pensa: “Mais um daqueles textos para acabar com o meu dia” e se omite. O professor deve pautar as suas expectativas pela confrontação franca da real situação de seus alunos e não em um propósito ideal. E deve olhar francamente para os seus alunos e ensinar-lhes que todos estão lá para aprender e que o “erro” é parte de um processo, que é na tentativa que cada um encontra o próprio caminho. A correção não será mais fonte de traumas e bloqueios, não mais será feita como método de punição, mas como arma poderosa para a aprendizagem.

As estruturas gramaticais têm que ser trabalhadas. Não mais como um fim em si mesmo, mas como pontes firmes para o pensamento. Deve-se ensinar ao aluno a verticalização de sua capacidade de escrita e de leitura ao invés de deixá-lo nadando na superfície.

Também existem muitos profissionais mal pagos, responsáveis por várias turmas de cinquenta alunos (ou mais) e que estão impedidos de interagirem com as dificuldades específicas de cada aluno. Também existem aqueles profissionais muito bem pagos, também responsáveis por turmas numerosas e que delegam a responsabilidade da correção para outro. O que se conclui? Tanto alunos bem alimentados de escolas particulares, quanto alunos das escolas públicas acabam por apresentar as mesmas dificuldades. Pelo menos nesse contexto, a democracia se faz concreta. Claro que existem muitas iniciativas que estão dando certo, e é preciso olhar para elas.

As novas teorias aliadas à experiência, à experimentação, à sincera necessidade de mudança andam produzindo bons frutos e é preciso compartilhar essas vitórias. É preciso sair da cômoda posição do não é possível para “tenho algo nas mãos, posso fazer alguma coisa” e fazer melhor.

## AVALIAÇÃO

Os procedimentos avaliativos devem ser entendidos como processo, como elemento constituinte da dinâmica de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, devem ser coerentes, consistentes e sinceras. Por sinceridade, entende-se que não só o aluno fica em perspectiva ao ser avaliado, mas também o professor e toda a instituição, se um desses atores está com problemas no desempenho de seu papel, a balança não irá se equilibrar. Todos devem, ainda, estar atentos ao fato de que o aluno está no ambiente formal de educação para adquirir habilidades pessoais e profissionais e a avaliação funcionará como um mapeamento dos pontos em que se deve trabalhar de forma diferenciada, reforçar os que se desenvolveram satisfatoriamente de maneira que o estudante saia com um certificado que traduza a realidade que preconiza, que ele está apto ao exercício da função para a qual se preparou e foi preparado.

Percebe-se, daí, que a avaliação está intimamente ligada à qualidade do ensino que se oferta, que é um dos mecanismos que validam a atuação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Não há, definitivamente, o método mais apropriado ou a técnica mais indicada para se avaliar, o que existe é a indicação precária e instável ditada pelas experiências somadas em um grupo e as forças e comportamentos que dele emanarem. O professor, portanto, deve estar atento à dinâmica de cada

turma, ao perfil dos seus alunos (configurado pelo todo que é o indivíduo) e estabelecer estratégias que contem com a colaboração constante dos próprios estudantes.

O professor não é um facilitador. Aprender implica também esforço que nem sempre poderá ser substituído pela brincadeira, pelo lúdico, por atalhos. Habilidades e conhecimentos, para serem adquiridos e desenvolvidos, demandam empenho, foco, dedicação. Os alunos devem se sentir desafiados a oferecerem o mais alto de sua capacidade e a continuar expandindo o seu limite. Sabendo-se que todo ser humano nasce apto para aprender, não pelos mesmos métodos ou no mesmo tempo, mas capaz de se desenvolver amplamente em meio a suas idiossincrasias. O educador, consciente disso, deve propor sempre que seus alunos trabalhem junto com ele, que tenham a noção de que são corresponsáveis pelo ensinamento que recebem, que a movimentação de sala de aula também obedece a sua orquestração.

O aluno deve ser atendido como ser humano complexo, já com experiências de vida e de trabalho estampadas em sua história. Esse fator é positivo, produtivo para o ambiente da sala de aula. O que a escola deve equilibrar são os conhecimentos formais que ela representa. Nesse sentido, o estudante que retorna à escola, não deve ser tratado com uma espécie de piedade preconceituosa em sua essência. Ele deve ser observado como ser humano que busca e tenta se manter na ampliação de seus horizontes, de suas potencialidades, de sua qualidade de vida. Assim, a avaliação não pode ser instrumento punitivo, que oferece ao aluno a sensação de impotência e de diminuição perante o outro. Deve ser integrada ao processo e, aqui, cabe ao professor conduzir suas aulas de maneira a desconstruir o paradigma da avaliação estática e familiarizar os seus discentes com a avaliação integradora, com capacidade de localizar onde devem melhorar, se esforçar mais e colaborar com o professor na busca de novas estratégias.

Esse aluno, a ser, de certa forma, construído pela escola precisa estar motivado, empenhado em se desenvolver. O professor poderá criar ambientes propícios, mas não se pode esquecer que a motivação é fator intrínseco, pessoal e intransferível e que o estudante precisa chamar suas responsabilidades para si. A avaliação como processo, como ferramenta de ensino e aprendizagem pode localizar erros e acertos e apontar para professores, alunos e gestores um caminho objetivo em que se procure constantemente o aperfeiçoamento. As habilidades subjetivas, as travessias que cada autor empregou para chegar à outra margem, são diferenciadas e coordenam comportamentos e atitudes. Contudo, os conhecimentos, coerentemente demarcados pelos planos de ensino, deverão ter sido atingidos ao final do processo. Subjetividade e mundo pragmático não são indissociáveis e o desafio da avaliação é conseguir perceber o cidadão além das habilidades específicas sem perder de vista o profissional que se deseja formar para que alcance uma melhor qualidade de vida e, por conseguinte, de trabalho.

## CURRÍCULO INTEGRADO

A integração curricular precisa estar apoiada, principalmente, em duas bases: as áreas dos conhecimentos possuem demarcações específicas, o que impede a assimilação absoluta de umas com as outras; os conhecimentos podem estabelecer uma zona de diálogo que não necessariamente passa pela aproximação conteudística. As aulas de matemática e língua portuguesa, por exemplo, podem buscar habilidades específicas para a área técnica pretendida pelo aluno, mas elas não se resumem a essa proposta. O estudante não está na escola

apenas para ser “treinado” a desempenhar uma função específica no mercado de trabalho, mas para se formar enquanto cidadão, enquanto indivíduo criativo que consegue reconstruir-se face a novas demandas, a inserir-se em procedimentos autodidáticos e, principalmente, dotá-lo de mecanismos que lhe permitam expandir suas capacidades e habilidades, sua percepção do mundo e da realidade que lhe é apresentada.

A proposição de temas geradores, temas que atravessarão todas as disciplinas em alguma dimensão, é uma proposta que pode desencadear um processo produtivo de aproximação entre as disciplinas. Entretanto, se empregado na superfície, apenas como um assunto comum, sem se observar como esses temas estabelecem-se estruturalmente em cada área, poderá falsear a proposta e, por vezes, desmotivar os alunos que, como todo ser humano, entedia-se com a falta de diversidade.

A integração curricular não implica em nivelar as diferenças, em confundir as disciplinas do núcleo básico com as disciplinas da área técnica, mas de aproveitar a diversidade para gerar habilidades que se complementam. O técnico em alimentos, ao redigir um relatório, precisará se utilizar de habilidades comunicativas, se valer da intimidade com o universo da escrita somada com o conhecimento objetivo do padrão formal estabelecido para os relatórios. O estudante de administração precisará não somente da matemática aplicada a seu campo de trabalho, mas de todo o raciocínio lógico que ela impõe para que seja compreendida. E assim serão história, geografia, sociologia, física, e todos os conteúdos que podem se integrar no compromisso mútuo com a cidadania e com a habilidade para o trabalho. Tanto as disciplinas do núcleo básico como as do técnico devem estar atentas às necessidades do aluno e à realidade que ele enfrenta. A construção do currículo e conteúdos programáticos a serem cumpridos pelo aluno devem ser coerentes. Um professor de língua portuguesa que gasta suas aulas no ensino da classificação das orações subordinadas substantivas objetivas diretas e não habilita o seu aluno a escrever de forma fluente e reflexiva não está contribuindo no processo de formação de seu estudante.

Por outro lado, se o docente busca um texto que fale de preconceito social, por exemplo, levanta uma discussão em que apresente novas perguntas ao aluno, e os devolve para a leitura do texto por ele mesmo, guiando-o pelo processo de lidar com o universo da escrita, compreender e refletir a respeito do que le, estará formando o cidadão e preparando-o, não importa a modalidade técnica escolhida, para realinhar-se socialmente. Já a área técnica deve balancear o ensino dos conhecimentos práticos com as experiências trazidas pelos alunos, com a clara percepção de que esse não é um treinamento, um procedimento cego, mas de reinserção do indivíduo não só no mercado de trabalho, mas na sociedade.

## INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade não é um processo que se dá apenas superficialmente, por compartilhamento de temas. Para que seja realmente concretizada, deve integrar estruturas das disciplinas em profundidade ao mesmo tempo em que se respeita o ethos próprio de cada uma. Por vezes, o estabelecimento da interdisciplinaridade é monográfico, passa por um questionamento comum em que cada professor gerará uma habilidade a partir dele. Estabelecendo-se um tema gerador, racismo, por exemplo, inicia-se um projeto em que professores todos se envolvam na construção dessa monografia coletiva – o de física poderá passar pelo impacto produzido por um capoeirista ao realizar seus movimentos, o de matemática pela montagem e apresentação de estatísticas e porcentuais, o de história pelos movimentos das minorias contemporâneos, o de artes por apresentações culturais, de biologia pela inaplicabilidade genética do conceito de raças e assim por diante. O tema está sendo envolvido por uma grande carga de informações e os alunos devem estar convidados a produzirem conhecimentos a partir



daí. Mesmo com um tema comum, os docentes não devem se alienar das habilidades específicas de suas áreas e restringirem-se à discussão temática. Os alunos deverão ter aprendido construir porcentagens, compreender os princípios básicos de cinemática, perceber a história como mecanismo de compreensão do presente...

Nessa exemplificação de um projeto, não se está advogando que a interdisciplinaridade só aconteça por meio de grandes projetos mobilizadores. Assume forma também quando os professores dialogam entre si e discutem a dinâmica de suas aulas e o desenvolvimento de seus alunos. O professor de matemática pode argumentar que seus alunos não conseguem resolver equações porque não conseguem entender o enunciado e planejar uma ação conjunta com professor de língua portuguesa. O professor de história e sociologia podem trabalhar a história da ciência e colaborar com o professor de biologia. O campo é vasto e as possibilidades inúmeras, desde que não se tenha a interdisciplinaridade como mecanismo redutor, mas como intervalo de cooperação.

## RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A relação professor -aluno significa convivência entre seres humanos mediada por um espaço institucionalizante chamado escola. Existem funções, papéis a serem desempenhados pelos atores do processo ensino-aprendizagem. Há uma catalisação de experiências pessoais vindas tanto do docente, do discente e dos gestores de ensino. Há, por conseguinte, muita negociação a ser realizada, muita troca de experiências que irão a amparar a expansão e compreensão das diversidades que, ao mesmo tempo, convergem para um objetivo que deve ser comum, o de aprender.

O professor sempre aprende com seus alunos, mas, ao mesmo tempo, ele deve ser o guia da relação escolar que estabelecem juntos. Para tanto, é preciso ter clareza dos objetivos a serem atingidos e percepção segura dos diversos caminhos a serem elaborados e transitados para que a aprendizagem ocorra. Mediados pelo conhecimento, as duas categorias – docente e estudante, devem se perceber como seres humanos imersos no redemoinho em que nossa sociedade transformou o nosso cotidiano, com suas frustrações, desejos e realizações. Isso posto, precisam explorar os limites um do outro pela chave do respeito mútuo, da solidariedade e do compromisso em desempenharem bem suas funções.

A sala de aula pode e deve ser um elemento libertador por excelência, ao mesmo tempo em que objetiva as expressões humanas, as racionaliza para que possam ser observadas, pensadas e redimensionadas, positivando experiências negativas, promovendo a aceitação de reveses como parte da dinâmica da vida, e as novas experiências como elemento desagregador que amplia a percepção.

Os alunos devem colocar suas individualidades a serviço de um ente coletivo, vivo, que é o grupo que integram, e combinar esforços para que todos possam aprender. Com o espírito da colaboração, a diversidade marcada por faixas etárias, religião, formações familiares, entre outros fatores, constituir-se-ão em um trunfo a ser utilizado e não como obstáculo. Os que aprenderam com mais facilidade irão se disponibilizar a auxiliar os que estão com mais dificuldades. É a doação de si mesmo, de seu tempo, de sua habilidade que estabelecerão a rede saudável de convivência entre alunos, entre alunos e professores e alunos e gestores.

Visitas técnicas, excursões, momentos de convivência fora da escola também têm se apresentado produtivos no estabelecimento dessa corporação de alunos que se auxiliam mutuamente, atestando que o espaço formal da escola também pode ser ponto de partida para relações afetivas, pela ampliação da rede social do aluno, retirando-o, muitas vezes, de um confinamento em um grupo fechado para conhecer outras formas de viver e entender o mundo.

Deve-se ressaltar, ainda, que o professor também participa desse processo de construção de afetividades. Contudo, deve estar atento para não perder a sua função profissional no emaranhado em que podem se tornar as relações humanas. Precisa manter a objetividade necessária para que as relações interpessoais contribuam e se integrem à relação ensino-aprendizagem sem se sobrepor às outras habilidades a serem desenvolvidas.

**40 AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA EM  
CURSO TÉCNICO**



## AULAS 1, 2, 3 e 4

As aulas de língua portuguesa não estão entre as preferidas dos alunos de cursos técnicos, seja porque não entendem o “para quê”, seja porque foram desacreditados da sua capacidade de linguagem pelos tempos que passaram na escola. Assim que chego em sala de aula, busco conhecer os estudantes. Não pedindo para cada um se apresentar porque tomará muito tempo da aula, mas fazendo as seguintes perguntas:

Quem aqui gosta de língua portuguesa?

Quem sabe língua portuguesa?

Língua portuguesa é difícil?

Geralmente, a maioria dos alunos “odeia”, “não gosta”, considera “difícil”. Dos poucos que dizem gostar, separe alguns que acreditam que saber língua portuguesa é decorar regras, esses serão os que oferecerão maior resistência às atividades de leitura e escrita. Se as respostas não vierem espontaneamente, busco pela linguagem corporal e pelas reações os que são mais extrovertidos. Nunca começo pelos tímidos, pelos retraídos, pelos que se sentam de ombros baixos e olhos assustados, chegarei neles, mas depois que entenderem que aquele espaço é de aprendizagem e não de humilhação. Devagarinho, vou sabendo o nome de cada um e identificando os personagens dessa história: o bravo, o retraído, o super falante, o calado, o com formação acadêmica, o semianalfabeto...

Em seguida, é hora de começar a apresentar a eles outras faces do uso da linguagem. Sempre pergunto se falam palavrões, quais palavras utilizam quando batem o dedo na quina da porta, quando sentem raiva de alguém. Faço-lhes notar que a linguagem é sempre pessoal e coletiva, e é sempre de propósito, que os xingamentos estão voltados para as referências culturais onde residem os tabus de um povo e que, no nosso caso, são palavras

ligadas à área genital. Não preciso fazer lista de palavrões aqui, né? E que, se queremos ofender uma mulher, nos valem de palavras como “vagabunda”, “piranha”, “biscate”. Se queremos atingir um homem, lhe chamamos de “broxa”, “veado”, “gay”. As palavras carregam os preconceitos, as visões de mundo, o imaginário, as crenças, as verdades dos sujeitos. Não são inocentes, não são neutras. E estabelecem uma discussão a respeito dessas questões, das frases “Serviço de preto”, “preguiçoso igual a índio”, “coisa de mulherzinha”, “neguinho”, “cabelo ruim”, porque não há equivalente masculino para a palavra prostituta... E tenho sempre um dicionário do lado, para apresentar que até ali as questões culturais conseguem imprimir sua marca.

É fundamental apresentar aos alunos que a língua portuguesa é muito mais que saber identificar onde colocar a crase, é muito mais que saber identificar a oração substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. E, principalmente, é um momento crucial para apresentar os conceitos de variedade linguística, de conceitos como padrão e não-padrão, descritiva e normativa, para que o estudante perceba que os conceitos de certo e errado se aplicam em perspectivas e momentos específicos.

O nordestino não fala engraçado, o retroflexo goiano não é caipira, e nem o sulista fala mais corretamente, isso são questões externas ao funcionamento da língua, são questões políticas, ideológicas e que ninguém pode ser alvo de chacota porque fala desse ou daquele jeito.

Lembre-se de que professor de linguagem deve praticar o que preconiza, também ele deve ler muito e escrever mais ainda, apresentar aos alunos textos que escritos por ele, colocar esse material na berlinda, estimular os alunos a fazerem correções...

Correções, esse é um tema delicado e essencial. As salas de aula são um lugar geográfico, físico ou cibernético, em que se reúnem pessoas com diferentes histórias e formações e isso deve ser levado em consideração. Cada aluno deve ser avaliado por seu progresso individual e não pela ótica

do nivelamento dos “maus” pelos “bons”, ou dos “bons” pelos “maus”. Nem para oprimir, nem para desestimular, para ensinar. Se o aluno chega semianalfabeto mas, ao final do curso, organiza bem frases coordenadas, consegue se expressar, mesmo que, basicamente, pela escrita, ele apresentou um salto qualitativo muito grande. Se o outro escreve textos bem elaborados, lê com criticidade, deve também ser levado para além do que já sabe. Aluno que não evolui não está sendo aluno. Essa estratégia retira o foco do aluno-destaque e todos assumem a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento. Participação em sala, entrega de trabalhos, realização das correções apontadas pelo professor, todos esses elementos devem compor o produto apresentado em diário. É o processo de avaliação se integrando com o processo de ensino-aprendizagem.

Aqui vão dois textos que escrevi e levei para sala de aula.

### CARACA, VÉI, MATEI O MANO

A língua portuguesa é riquíssima e nunca um falante isolado irá conhecê-la por completo. A sabedoria de uma língua só está completa na soma de todos os seus falantes no passado, presente e até no futuro. O ser humano é um ser simbólico e simbolizante por excelência, não importa quantos anos ele tem de estrada no estudo formal, nos bancos da escola. Todos os usos e variedades são importantes e responsáveis pela sobrevivência e dinâmica de uma língua. São complexos, carregam e constroem visões de mundo, experiências, sentimentos, pensamentos, identidades, projeções, passados, arte. Tudo que a mão humana toca se converte em linguagem. Sempre.

Isso posto, deve-se enfatizar que a linguagem é social e não fica imune às ideologias e valores impostos pela história. Há uma variedade, a padrão, que, como o próprio nome indica, foi selecionada para ser a variedade dos documentos, das provas, dos concursos, das seleções, das avaliações, das identidades mais valorizadas, das escolas, de tudo aquilo que rege a vida de um cidadão. Conhecê-la é fundamental, é garantir acesso a esses discursos, é uma das formas de ingresso na cidadania, no mercado de trabalho. O bom professor, o cidadão



consciente, respeita todas as variedades e usos, não menospreza nenhuma e nenhuma é melhor. Deve se utilizar do conhecimento do aluno para que ele perceba que o português “não são dois” e um deles, o da escola, é indecifrável, impossível, para poucos, para “intelectuais”. Essa mentira deve ser quebrada. O português padrão é verdadeiramente ensinado quando ele não substitui e mata uma variedade, mas quando ele se transforma em mais uma ferramenta do arsenal linguístico de qualquer falante.

Todo falante deve conhecer a norma padrão. O mundo não é lindo e nem justo. Os indivíduos estão constantemente acuados por gente desonesta escrevendo contratos, sejam de aluguel, de trabalho, de compra, de venda. Todos em uma linguagem escrita tortuosa e pouco esclarecedora. Como defender-se do inimigo se suas armas estão em posição de vantagem? Como nos livrar de situações abusivas se mal entendemos o texto onde depositamos nossa assinatura, nosso voto, nossa confiança? É hora de explorar tudo o que a língua portuguesa pode oferecer. Se o sujeito se vale de gírias a cada frase que articula ao procurar emprego, ao participar de uma seleção, as chances de aprovação serão mínimas. “Caraca, véi”, “tipo assim”, “mano”, “cê tá me tiranu?”, “nuss”, são filhas da língua também. Há contextos, contudo, em que são apropriadas e outros não. Devemos sair da infância da linguagem e nos colocarmos em processo de elaborar discursos mais complexos, mais ricos, mais variados, mais abrangentes, mais profundos, seja na fala ou na escrita. Há tanta coisa ilegível. Presenciei um homem que não conseguiu entrar em um prédio porque antes precisava se cadastrar e ele não sabia encontrar onde estava o número de sua carteira de identidade! Olhando para ela! Ele é burro? NÃO. Está excluído dos códigos de linguagem que regem sua cidadania.

Não há como não se valer de figuras linguagem, expressões prontas, gírias. Todavia, quando isso resume o arsenal linguístico formal de uma pessoa, ela está alijada dos processos sociais formais em maior ou menor grau. É fundamental que se resgate o apreço por se falar e escrever bem com clareza, de forma produtiva, comunicativa, contributiva. E se falar tipo assim em minhas aulas, eu empino a carroça. Chega de muletas para pensamentos confusos.

## QUEM TEM MEDO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

A língua portuguesa, como qualquer outra língua, é um conjunto de variedades e de veículos, de estruturas e subjetividades. Nela, moram o “nóis foi”, “a gente fomos”, “tamo junto”, “e aí véi”, as músicas de funk e de onomatopeias, rock, bossa nova, sertanejo e mpb. É com ela que estabelecemos nossa relação e compreensão com o mundo e tecemos nossas convivências, nossos afetos, desejos, produções... Para saber uma língua, basta o ser humano nascer em uma sociedade. Com nossa capacidade nata de aprender línguas e linguagens, basta sermos expostos. E, crescendo em nossa microcomunidade, família, igreja, escola, vamos desenvolvendo nosso domínio, vamos fincando as marcas de nossa região, de nossa cultura, de nossos usos.

Se é algo tão natural, por que é comum ouvir pessoas dizendo que odeiam “língua portuguesa”, que “português é muito difícil”? Há uma confusão entre saber língua portuguesa e ter domínio de uma de suas variedades—a padrão. É como confundir todo o sistema solar com um único planeta. O preconceito linguístico existe, principalmente se não se frequentou muito a educação formal, se o sujeito nasceu no nordeste, se usa o “r” do goiano... As pessoas se apresentam e são julgadas de acordo com as marcas de sua oralidade. Professores ridicularizam alunos que falam “errado”, colegas ridicularizam sotaques, a escola aponta as “deficiências”, “as pobreza linguísticas” e, de repente, aqueles que possuíram riqueza linguística desde sempre são confinados a puxadinhos dentro da língua. O que se odeia, portanto, é o ensino da variedade padrão como é feito, e não a língua portuguesa, é a conversa de que existe o jeito certo e o errado de falar e de existir.

A língua portuguesa é uma grande mãe que não julga os seus filhos, apenas solicita que os irmãos se façam entender. Ela não julga, não aprisiona. O que impõe medo e relações de poder é aquele português da gramática, aquele da oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. É aquele português dos contratos, das entrevistas, das provas, dos concursos, das seleções... Maldito seja?

Não, não é maldito. A variedade padrão é necessária como todas as outras variedades. Ela tem seus ambientes, seus espaços, sua necessidade. Sua base é a mesma da utilizada pelo Chico Bento. Deve ser ensinada e aprendida. Todavia, ao contrário da fala, a

variedade padrão e a escrita devem ser aprendidas de propósito, pesquisando, indo à escola ou recebendo a tutoria de alguém ou de algum livro. Ela não deve substituir a conversa de casa, mas somar-se, integrar-se ao repertório do falante para que ele possa ampliar seu alcance comunicativo, que possa entender todos os documentos que regem sua vida social, econômica e política, que ele possa conhecer outros artistas e desfrutar de suas obras, que possa alcançar degraus profissionais mais altos.

Nessa ideologia de extremos em que ou todo mundo fala errado o tempo inteiro ou tudo é permitido, há uma série de maldades pelo caminho. Existem profissionais que usam o bordão “o importante é se comunicar” para encobrirem sua negligência em relação ao ensino da variedade padrão nas escolas. Isso é uma maldade. Não precisamos ensinar ao aluno como se comunicar com seus grupos mais próximos. Eles já sabem. Precisamos oferecer-lhes uma ferramenta nova, que os auxilie na busca de novos conhecimentos e espaços sociais. Com respeito e utilizando tudo o que os alunos podem oferecer.

Se o exercício da língua é nato a qualquer ser humano, não se pode também negar que aquele que se expõe a novas informações e possibilidades dentro da própria língua amplia-se, cresce, evolui. Aprender a se comunicar em diferentes situações, modalidades e com pessoas diversas é uma dinâmica que não acaba. Nenhum falante de uma língua alcança sua totalidade porque seus usos são infinitos e sua evolução constante. Aquele que se aventura mesmo assim torna o seu mundo muito maior.

## AULAS 5, 6, 7 e 8

Sempre considerei duas aulas por semana pouquinho demais pela quantidade de elementos a serem trabalhados, mas, enquanto esperneio, não posso me deitar em berço esplêndido preciso trabalhar com o que tenho. Em um curso técnico, obviamente, deve-se trabalhar redação técnica. O grande problema está em isolar a palavra “redação” e querer ficar só aplicando formatos. Não vai dar certo. O aluno poderá até reconhecer o

formato do memorando, para que serve, quando utilizar, todavia, na hora de preencher esse formato com um texto, o problema vai se apresentar. Não estarei falando nenhuma novidade ao afirmar que somos avaliados pela nossa linguagem nos ambientes de trabalho. Improriedades ortográficas, texto confuso, informações truncadas colocam em demérito o texto e quem o escreve. Daí a importância de despertar, antes, o pensamento metalinguístico, de se dar atenção ao desenvolvimento da habilidade e competência básicas de ler e escrever. Aquele aluno com acesso à internet, só precisa do Google para encontrar n *sites* explicando o que é e como funciona a correspondência técnica, se ele já possui uma boa base na variedade padrão, não vai precisar de professor para ensiná-lo. Para aquele outro aluno, o com mais dificuldades, deve-se oferecer ambiente favorável para que também ele adquira autonomia.

Nesse encontro, trabalharemos a palavra como universo, com um material semelhante a esse:

Ler não é um processo mecânico como parece. Ler não é uma tarefa chata e árdua perfeita para poucos eleitos. Ler é um desafio. Ler requer inteligência e disposição. Inteligência existe em todos. A diferença se faz na disposição, na atitude de não centrar as escolhas no caminho mais fácil (que geralmente leva a um beco sem saída), na nunca pacífica tomada de consciência. Bem vindo às veredas do discurso. E, para que não se perca, é melhor esclarecermos que:

- cada um possui uma estratégia de leitura e escrita;
- o texto não vem surgindo pronto à medida que se escreve;
- escrever não é obra de fantasmas, de espíritos que ficam por perto soprando lindas ideias no seu ouvido. Escrever é obra de trabalho e reflexão;
- a leitura é um processo que nunca se completa;
- o texto não é a casa da mãe joana. Não se pode ver qualquer coisa em um texto, há que se ter coerência com o que está escrito;

- por incrível que pareça, a escrita e a leitura são prazerosas e libertadoras;

- lembre-se das santas palavras e sua disposição no altar. Fica mais fácil obter a graça delas.

## Questão 1

Vamos imitar Mallarmé em *Um lance de dados* e vamos jogar as palavras no papel.

PAI  
ENSINAR CARREIRA  
BANDIDO CAPACIDADE REVOLTA ESCOLHA  
RESISTÊNCIA CAPITALISMO CELEBRIDADE  
PODER CASTIGO GLAMOUR  
AMBIGÜIDADE CIDADÃOS BRASIL  
ROTINA SOCIEDADE LIVRE VÍTIMAS

Lógico que até agora só temos palavras soltas e vamos trabalhar o campo semântico de cada uma delas. Uma palavra, mesmo desacompanhada, nunca está sozinha. Ela carrega dentro de si e desperta no leitor significados que lhe são paralelos. A palavra pai, por exemplo, nos remete ao conceito de família, chefe, hierarquia, afeto, poder, revolta, discussão, morte, comida, autoridade, sentimento... Nesse sentido, vamos começar a descobrir que argumentos como “deu branco”, “não sei nem por onde começar”, “ não vem nada na minha cabeça” são apenas desculpa de quem está com preguiça de entrar no “reino das palavras”.

## Mãos à obra

1) Estabeleça o campo semântico de cada uma das palavras acima indicadas. Procure ser original nas suas conexões.

2) Escreva frases com cada um desses grupos. Por favor, frases que signifiquem alguma coisa. Frases como o “Meu pai é da família” estão completamente descartadas.

3) Elabore um parágrafo para cada um desses conjuntos de frases.

## Desafio

A partir desses parágrafos, construa um texto dissertativo. Lembre-se que, assim como palavras simplesmente jogadas juntas nem sempre significam, frases soltas e parágrafos sem objetivo não necessariamente formam um texto. Assim como o corpo humano possui uma coluna vertebral, o texto precisa de uma intenção central para existir. Isso, um texto precisa ter um objetivo que não seja o simplesmente de cumprir tarefas para um professor, deve ser usado para se defender uma ideia, uma postura, um comportamento, uma atitude, uma visão de mundo. Lembre-se de que réus mal representados vão para cadeia, escritas mal elaboradas só falam mal de quem escreveu.

## QUEBRANDO O CÓDIGO

O estudo do campo semântico das palavras é também um excelente aliado no movimento da leitura. Os textos mais complexos, aqueles que parecem um bloco indecifrável de concreto, podem ser quebrados quando se começa a escavação pelas partes menores. O que não se deve esquecer é que ler não é um processo automático, dependente apenas de se saber

o estado dicionário das palavras, é um caminhar que atravessa tanto as experiências individuais quanto as intelectuais. Dessa maneira, a leitura também se alimenta e se fortalece em si mesma.

A seguir, será apresentado um parágrafo extraído do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* de Mikhail Bakhtin:

“Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.” (BAKHTIN, 1995, p. 34)

Como se pode observar pelo pronome demonstrativo “essa”, esse parágrafo está retomando uma ideia anterior. A princípio, parece que até a ideia geral e central fica difícil de ser apreendida. Nesse caso, é uma boa estratégia discutir primeiro os significados possíveis das palavras mais recorrentes. São elas: consciência, signos e ideológico. O que é “consciência”? O que é “signo”? Quando alguma coisa é “ideológica”? O que é “ideologia”? Vá até o dicionário e busque o significado literal dessas palavras. Depois, comece a observar o que elas dizem em contato umas com as outras: signo e ideologia, consciência e signo, consciência e ideologia... Em seguida, lembre-se que o autor restringe o conceito de consciência com o adjetivo “individual”. Volte ao parágrafo, releia-o. A compreensão começou a se estabelecer, não é? Observe que existe o estabelecimento de uma condição em que a existência de um elemento está associada a outro. Encontre-a. Faça a discussão.

Na aula anterior, falou-se de texto dissertativo. Agora, é um bom momento de falar a respeito de gêneros textuais. Cada modalidade de texto, demanda uma expectativa e um processo de recepção e escrita. Se estou falando de narração, o leitor não buscará os fatos verídicos, estará pronto para ver gente voando, vivendo dois mil anos, tendo poderes sobrenaturais, guerreando contra alienígenas... É ficção e posso inventar e participar desse processo, seja escrevendo, seja lendo, tenho liberdades em relação às construções, posso propor um mistério e não solucioná-lo. Se é um texto dissertativo-argumentativo, não posso inventar fatos e meu leitor irá esperar fatos, reflexões, coerências, arazoamentos, veracidade.

Nesse sentido, a aula deve focar que um gênero textual pode contaminar o outro, mas não se transformar em outra coisa. Ao argumentar, posso me valer de referências literárias, mas elas estarão submetidas a coerências internas, externas e ao propósito de uma tese referencial. Um grande problema no ensino de língua portuguesa é o estilhaçamento do conteúdo. Sem integração, não há ensino produtivo e eficiente. Se o estudante compreender o funcionamento da modalidade dissertativa-argumentativa, não terá problemas em entender como escrever uma carta comercial, um memorando, uma resenha, um relatório, um parecer, porque possuem bases semelhantes que os aproximam. Se, ao invés disso, for trabalhado um elemento dissociado do outro, não será estimulada a reflexão necessária à autonomia no processo de aperfeiçoamento nos usos da linguagem. Ao invés de decorar uma regra, o aluno deverá saber entendê-la, fazer conexões e expandi-la.

Nessa aula, levo sempre um texto narrativo para fazer um contraponto e gerar uma referência, já que o foco do curso técnico é a argumentação. Aqui, trago um texto de domínio público de um dos grandes autores da literatura brasileira: “Um apólogo”.



## UM APÓLOGO (Machado de Assis)

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que

prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os

dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fizemos uma leitura ensaiada desse texto, já nos preparando para as atividades orais. Muitos alunos não entenderam a história, acharam sem pé nem cabeça. Já prevendo as dificuldades de interpretação, adotei alguns procedimentos relevantes para o processo de interpretação do texto:

— O aluno, em sua fase inicial de interpretação, precisa relacionar o que lê com a sua realidade, isso tornará o processo menos abstrato.

— Durante as discussões deve-se introduzir informações externas mas correlatas ao texto lido para estimular a conexão entre os dados e realmente fundar um processo reflexivo

— Observar o gênero textual e os recursos discursivos.

Comecei por estimulá-los a se colocarem no lugar da linha, da agulha, do alfinete. Questionei se, no trabalho, conheciam alguém que se encaixaria em um desses papéis e, então, a discussão fluiu. O professor de língua portuguesa, nesse momento, deve manter o foco para que não se empolgue com as muitas ideias interessantes que lhe chegam a ponto de esquecer o objetivo da aula.

Após esse momento de leitura em que se deve praticar a paciência, ir e voltar várias vezes, procedimento padrão de quem realmente está LENDO um texto, comecei a apontar os diálogos, o uso do discurso direto. Apresentei como funcionaria se ficasse em indireto, os verbos, os recursos gráficos... E qual a utilidade de um técnico saber isso. No mínimo, duas: saber reconhecer, em um texto, quem são os autores de determinadas “falas”

se estiverem lendo uma reportagem policial ou de política, por exemplo; e, convenhamos, relatórios não se valem, recorrentemente, de discurso indireto? Mais uma vez, conhecimentos se integrando.

Em seguida, solicitei:

Elabore um texto dissertativo a partir do texto “Um apólogo” (Machado de Assis). Pode utilizá-lo como exemplo além de referência. Exemplo: Assim como no texto “Um apólogo” de Machado de Assis, as relações de trabalho também são marcadas pela competição....

Fizeram em casa e me trouxeram na aula seguinte. Outra questão fundamental está em o professor buscar atividades práticas para que se possa diagnosticar o que foi ou não entendido durante as aulas. E, como eu já esperava, recebi textos que não possuíam conexão alguma com a abordagem solicitada, que apenas recontaram o conto, que copiaram uma notícia qualquer, que copiaram partes do texto apresentado. Não conseguiram cumprir a proposta. Tempo ideal para lhes entregar um texto dissertativo, que, no caso, foi o “Salários e empregos” do Delfim Neto. Enquanto liam, entreguei pessoalmente a redação de cada um e expliquei detalhadamente o que precisava ser melhorado. Em sala de aula, ensina-se o explícito e a intenção. Esse era o momento em que eu estava construindo a concepção de que ser corrigido é fundamental para aprender e que isso não é ofensivo, não nos diminui, nem atesta nossa incapacidade de realização. Gosto de contar minha vida de aluna e do quanto eu errava. O professor deve se humanizar, apresentar suas falhas para que o aluno se sinta seguro em ser compreendido em suas dificuldades. Foi positivo, sofri algumas resistências por parte daqueles que já se consideravam “prontos”, mas acabamos todos embarcando no processo.

Obviamente, solicitei que fizessem as correções e me devolvessem a nova versão na próxima aula. Depois de terem sofrido com as dúvidas da dissertação, ler um texto referencial funcionou muito bem e passamos a nos concentrar na discussão do novo material.

Eis um exemplo dos textos que recebi inicialmente:

“No Apólogo de Machado de Assis, onde a agulha e a linha discutem a importância de cada uma, cada qual com seus argumentos.

A verdade é que um vai ter que aparecer mais, talvez esse será um dos maiores problemas de uma equipe o grupo todo faz o trabalho e só o seu chefe vai ganhar o brilho da recompensa. Ainda temos um personagem que é o alfinete que não se mete em nada só faz o dele e só. Esse funcionário em vários lugares vamos encontra-lo. Pessoas que vão ao trabalho pura e simplesmente para assinar o ponto e ficar contando as horas para ir embora.”

Aspectos como a construção da frase, questões de sintaxe, se colocaram como fundamentais para serem trabalhados na próxima aula, juntamente com os elementos de referência. Faltou um desenvolvimento maior e mais aprofundado de ideias, uma tese melhor declarada e construí a seguinte estratégia.

## AULAS 11 e 12

Primeiramente, apliquei essa técnica, mas sem contar o próximo passo, fomos caminhando juntos.

### ESTRATÉGIA DE ESCRITA – COMEÇANDO PELA FRASE

Nenhum escultor ataca o bloco de mármore de uma vez. Ele começa pelo projeto, por um plano de ações, trabalha em pedacinhos. Assim também será na hora de escrever. Não dá para um texto surgir inteiro em uma tacada. O foco do bem escrever está no processo. O produto é consequência. Vamos respirar enquanto escrevemos. Observe a seguinte estratégia:

1. Leia com atenção o tema proposto ou que você se propõe a desenvolver;

## QUALIFICAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

2. Escreva 10 frases curtas a respeito do tema. Curtas mesmo, sujeito e predicado, ordem direta, sem inversões;

3. Leia as frases que você escreveu, encontre as que estão com ideias repetidas e substitua-as por novas frases;

4. Selecione cinco frases das que você elaborou. Privilegie aquelas com maior carga semântica, que apresentam mais informação. Por exemplo: “Qualificação é importante” é menos produtiva que “O mercado de trabalho está cada vez mais dinâmico em termos de habilidades exigidas.”;

5. Integre as cinco que sobraram nas cinco selecionadas. Isso significa que você irá reescrevê-las;

6. Cinco esboços de parágrafo terão sido formados. Reduza-os a três. Agora, elabore um parágrafo como introdução, desenvolvimento e conclusão para cada um dos três blocos;

7. Integre esses três parágrafos em um texto dissertativo. Lembre-se de que, para ser texto, não basta colocar um trecho embaixo do outro. Tem que haver integração, sequência;

8. Releia cuidadosamente o seu trabalho, corrija-o, revise, reescreva.

Esse processo é simples, mas demanda tempo, paciência. Não importa a quantidade de textos, mas quantas vezes se reescreve o mesmo texto. Pense na dança. Não se alcança um movimento mais complexo sem antes ter passado pelos básicos. Esse exercício começará a tecer mais intuições a respeito do conceito de parágrafo e fluência textual. VAMOS TRABALHAR?

Vários alunos testemunharam que esse procedimento os auxiliou bastante e, realmente, os textos que me entregaram apresentaram melhora significativa.

Vale reforçar que o professor de língua portuguesa não pode simplesmente ir solicitando que ele vá escrevendo um texto atrás do outro sem antes ter recebido a correção do trabalho anterior. Os erros só irão se repetindo. Como temos muitas atribuições e nem sempre conseguimos corrigir tudo e entregar individualmente, às vezes precisamos nos valer de recursos que possam auxiliar nesse processo. Há sempre alguns problemas que são recorrentes em toda classe, digitar alguns trechos (sem identificação do autor, é claro) e trazer para a avaliação coletiva também é bastante produtivo.

## AULAS 13 e 14

Deve-se praticar a escrita de resumos sempre, é uma maneira excelente de se estabelecer leitura e de se adquirir técnicas de escrita, ideias principais e secundárias.

Solicitei à turma que lesse, no mínimo, uma notícia por semana e que escrevesse o seu resumo no caderno e colasse a reportagem ou escrevesse a fonte. Não seria para me “entregar”, mas toda semana eu iria ler o que fizessem.

Lembram-se da aula em que trabalhamos discurso direto? Caiu feito uma luva nesse momento em que trabalhamos como se escrever uma ata. Como escrever o cabeçalho, que informações relevantes, quem e como assina. Imagine alguém que não exercita a escrita escrevendo uma ata. Confusão, para dizer pouco.

Aqui, levantamos aspectos éticos a respeito do procedimento de se lavrar um ata, a necessidade das assinaturas, a sua função documental e de acompanhamento de processos. Levei, como modelo, as súmulas do colégio de dirigentes do IFB, atas da administração do campus Taguatinga Centro, em especial as de reuniões em que os alunos estavam representados e, em seguida, entreguei-lhes o material a seguir para que começassem em sala e terminassem em casa.

## QUESTÃO 1

Redija uma ata a respeito de uma reunião de que você tenha participado/ou inventado.

## QUESTÃO 2

Resuma o texto a seguir:

**“Vídeos eram manifestações de liberdade de expressão”, diz diretor do Google após prisão . Fábio Coelho foi detido ontem pela Polícia Federal, porque o YouTube não acatou decisão judicial de tirar conteúdo do ar**

O diretor geral do Google no Brasil, Fábio José Silva Coelho, disse nesta quinta-feira (27) que o mandado de prisão contra ele foi expedido enquanto ele aguardava análise de recurso de decisão judicial. Coelho foi detido ontem pela Polícia Federal em São Paulo, porque o YouTube não cumpriu uma determinação do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul de retirar vídeos do ar. Neles, o candidato à Prefeitura de Campo Grande Alcides Bernal (PP) é acusado de praticar crimes.

Coelho publicou hoje uma nota no blog oficial do Google sobre o caso. Ele falou sobre os princípios básicos do YouTube, de oferecer uma comunidade e “uma plataforma para a liberdade de expressão em todo o mundo”. “Este é um grande desafio, principalmente porque um conteúdo aceitável em um país pode ser ofensivo – ou até mesmo ilegal – em outros.”

Sobre as ordens judiciais emitidas no Brasil, o diretor do Google disse que elas são revisadas e a empresa recorre quando considera alguma incorreta. “Na última semana, recorreremos de uma ordem judicial para remover vídeos do YouTube. Enquanto aguardávamos a apreciação de nosso recurso, um mandado de prisão foi expedido contra minha pessoa na qualidade de representante legal do Google Brasil.”

saiba mais



Segundo Coelho, como o recurso não foi aceito, não há outra opção senão bloquear o vídeo no Brasil. “Estamos profundamente desapontados por não termos tido a oportunidade de debater plenamente na Justiça Eleitoral nossos argumentos de que tais vídeos eram manifestações legítimas da liberdade de expressão e deveriam continuar disponíveis no Brasil”, escreveu.

O diretor da empresa afirmou ainda que o usuário que publicou um dos vídeos acabou por removê-lo e fechou sua conta no YouTube. “Esse é apenas um exemplo dos efeitos intimidatórios do episódio para a liberdade de expressão”, disse Coelho. (ÉPOCA–27/09/2012)

### QUESTÃO 3

Elabore um parágrafo para cada uma das seguintes frases:

a) A vida vai ficando cada vez mais dura perto do topo. (Friedrich Nietzsche )

b) Aja antes de falar e, portanto, fale de acordo com os seus atos . (Confúcio)

c) A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original. (Albert Einstein)

### QUESTÃO 4

Leia a notícia a seguir, retire as ideias centrais e escreva um texto dissertativo a partir delas.

Aumentar vendas requer estratégia

(<http://www.brasil.gov.br/empreendedor/estrutura-da-empresa/aumentar-vendas-requer-estrategia>)

Vender, o objetivo de todo negócio, pode – e deve – ser precedido de um planejamento. Um plano de vendas ajuda a aumentar os ganhos, desovar estoque ou atingir novos clientes, por exemplo. Para isso, o

primeiro passo é se informar, segundo Luciana Lessa, analista técnica de Marketing do Sebrae MG. “É preciso conhecer a concorrência, conhecer seus clientes, saber se os funcionários estão motivados ou não”, diz. Desconsiderar concorrentes costuma ser um erro frequente entre pequenos empresários, de acordo com Luciana.

“Em primeiro lugar, temos de pensar que quase todo empresário tem um plano informal na cabeça, mas deixam de fazer isso por escrito, o que é um erro”, explica Alexandre Las Casas, autor do livro Plano de Marketing para Micro e Pequena Empresa (Ed. Atlas, 6ª Ed). Um dos erros que fazem as empresas quebrarem, de acordo com ele, é não dedicar tempo ao planejamento, incluindo o de vendas. Isso pode ocorrer porque muitas vezes o empreendedor vê o plano como algo complexo de ser feito. “Não precisa ser necessariamente algo difícil. Ele pode começar com um plano simples ou então fazer primeiro com a ajuda de um consultor e depois passar a caminhar sozinho”, explica o especialista.

Para facilitar a vida dos empresários, o Sebrae disponibiliza online o manual “Como elaborar um plano de vendas”. A cartilha apresenta um passo a passo de como fazer o planejamento. Uma das considerações a serem feitas antes de começar um plano é olhar para fora: pensar em como vai estar o mercado em um futuro próximo, que tipo de mudanças podem ocorrer na política e na economia, como essas variáveis podem criar oportunidades ou trazer riscos para o negócio. A partir disso, o dono do negócio passa a ser capaz de determinar seus objetivos, até onde ele pode ir com a estrutura que tem.

Alexandre também destaca a participação da equipe no processo. “Há quem esconda dos funcionários as metas, os planos, enquanto o certo é que todos estejam a par de tudo para se sentirem parte do processo”. A participação da equipe também pode acontecer enquanto o plano está sendo feito. Assim, os funcionários podem fazer sugestões ou indicar metas que estão fora do que é realizável.

Com o plano pronto, o trabalho de planejamento não se encerra. Como o ambiente muda – econômica ou politicamente, por exemplo – o planejamento deve ser revisado e atualizado pelo menos uma vez por ano.

Eis uma das atas que recebi, essa foi a primeira leitura que fiz com o aluno e marquei em vermelho o que ele deveria observar e coloquei em caixa alta as sugestões. Depois, antes, de anotar o restante delas, solicitei que ele relese o próprio material e o corrigisse antes de mim. A segunda versão veio bem melhor.

No dia primeiro do mês de Outubro de dois mil e doze, com início às sete horas e meia manhã, no refeito do canteiro de obra do botando da Borges Ladeiro, na QNO12/13, em Cinelândia norte, realizou-se uma reunião com diretoria de segurança tendo como objetivo discutir as normas de segurança do trabalho, e também como prevenir os riscos dos acidentes causados na obra.

O mestre e a técnica da reunião e as pessoas presentes: A reunião foi presidida pelo mestre do botando????, Sr.Iram Manuel de Araújo, tendo como técnica a Sr.Hirieda da silva.Contou COM a participação de setenta e dois colaboradores e uma conselheiros da CIPA, comissão interna de prevenção de acidentes –NR5.Relato da reunião propriamente dita: Inicialmente,o Sr.Iram solicitou á técnica Sr.hirieda,que apresentasses as normas elaboradas para que os presentes tivessem conhecimento. FORAM ESCLARECIDAS AS metas do ano EM curso, é divulgar pô todos os meios de comunicação da Borges Ladeiro,tanto em atividades internas como externas. Após ouvidas variadas sugestões,o mestre da reunião solicitou que fosseM votadaS as normas apresentadaS, submetida ás sugestões oferecidas, se chegasse a um consenso,o qual serias posteriormente,divulgado no próprio botânico,bem como no Jornal de Prevenção de Acidentes,mantido pela empresa construtoras Incorporadoras Borges Ladeiro.Debatidas as sugestões apresentadas,obteve-se,democraticamente,uma conclusão, consideraDA excelente. Depois de debatidas AS SUGESTÕES APRESENTADAS obtEVE-SE democraticamente, a uma conclusão, que considerada excelente.

Encerramento: Nada mais havendo a tratar, foi lavrada presente ata, que assinada por mim, Fulano de Tal, colaborador, pelo mestre da reunião e pelos demais funcionários ali presentes neste local.

## AULAS 15 e 16

Nessas aulas, realizamos as correções do material apresentado na aula anterior e observei que os textos que foram escritos a partir das ideias centrais de um texto lido previamente apresentaram melhora significativa na elaboração das frases e dos parágrafos. Como já estavam lendo um texto atentos aos sentidos e aos modos de construção, a escrita referenciada por um texto anterior ofereceu-lhes um planejamento prévio da redação que deveriam produzir.

## AULAS 17, 18, 19 e 20

Dadas as dificuldades apresentadas pelos alunos de se organizar o texto em parágrafos, elaborei esse material para que realizássemos essas atividades em conjunto, inclusive, por meio de reelaboração do texto escrito na oralidade. Trabalhamos o conceito de paráfrase e introduzi algumas noções de elementos do discurso.

### PARÁGRAFO

A definição de parágrafo não é tão tranquila como muitos gramaticheiros fazem parecer. Na verdade, a elaboração de um parágrafo está muito mais voltada para a intenção do texto como um todo, obedece mais à dinâmica interna do que está sendo escrito do que a regras de pé quebrado. Contudo, vamos tentar algumas saídas, já que, quando escrevemos, o fazemos letra por letra, linha por linha e não por blocos compactos. E, como se sabe, são as partes articuladas que fazem o todo...

Leiamos o seguinte parágrafo:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente, por exemplo, o homossexual corria o risco de agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda é objeto de termos depreciativos. Tal fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. Esta atitude varia em outras culturas. entre algumas tribos das planícies norte-americanas, o homossexual era visto como um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural, e portanto respeitado. Um outro exemplo da atitude diferente de comportamento desviante encontramos entre alguns povos da Antigüidade, onde a prostituição não constituía um fato anômalo: jovens da Líbia praticavam relações sexuais em troca de moedas de ouro, a fim de acumular um dote para o casamento. (LARAIA, Roque de Barros. Cultura – um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2008)

Qual a ideia central desse parágrafo? Quais os argumentos que foram utilizados para sustentá-la? Logo no início do parágrafo (tal ideia poderia ter vindo no meio, ao final ou diluído no decorrer do escrito), o autor anunciou o objetivo de seu parágrafo: comprovar que os preconceitos ou ações depreciativas são decorrentes de nosso condicionamento cultural de obedecer e seguir padrões. Caso alguém afirmasse que a intenção do parágrafo é discutir a prostituição ou a homossexualidade cairia em erro, porque esses foram argumentos secundários, ou seja, foram utilizados para dar suporte à ideia central. Saber quem é o centro e quem é o periférico faz toda a diferença quando o assunto é interpretação.

### **Mãos à obra**

Encontre os objetivos (ou intenções), a ideia central, as ideias periféricas de cada um dos parágrafos abaixo:

1) Às vezes, apanhamo-nos a mudar de ideias sem nenhuma resistência ou emoção, mas, se alguém nos acusa de estarmos errados, ressentimo-nos e firmamo-nos na resistência. Somos incrivelmente descuriosos na formação das nossas crenças, mas por elas nos enchemos de amor quando nô-las querem roubar. Torna-se óbvio que não são propriamente as ideias que nos são caras, sim o nosso amor próprio. A natureza nos fez aferrados a tudo que é nosso—à nossa pessoa, à nossa família, à nossa propriedade, à nossa opinião. Certa vez um senador americano observou a um meu amigo que nem Deus Todo-Poderoso poderia fazê-lo mudar de ideia quanto à sua política em relação à América Latina. Podemos dar-nos por vencidos, mas lá por dentro não cedemos. Pelo menos no mundo intelectual a paz é sem vitória. (Formação da mentalidade—James H. Robinson)

2) Com o conceito de processo fixado em mente, podemos aproveitar melhor a análise dos ingredientes da comunicação, dos elementos que parecem necessários (se não apenas suficientes) para que haja a comunicação. Precisamos ver elementos tais como: quem está comunicando, por que está comunicando, e com quem se está comunicando. Precisamos ver os comportamentos de comunicação: as mensagens produzidas, o que as pessoas procuram comunicar. Precisamos observar o estilo, a forma como as pessoas tratam suas mensagens. Precisamos examinar os meios de comunicação, os canais que as pessoas usam para que suas mensagens cheguem aos ouvintes, aos leitores. Em resumo: precisamos alistar os elementos do processo de comunicação que devemos levar em conta quando, a) iniciamos a comunicação, b) respondemos a comunicação, ou c) servimos como observadores ou analistas da comunicação. (...) (BERLO, David K. O processo da comunicação—introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 2008)

3) As emissoras de TV dizem que estão autorizadas a exibir o que exibem porque o público aprova. Aprova como? Segundo elas, pelos índices do ibope. O argumento é uma falácia ululante. Os índices do ibope, invocados como credenciais absolutas, transformam as pequenas

taras da esfera íntima—aquelas obsessões secretas que todos temos, mas que não confessamos ao vizinho de jeito nenhum—em regras de conduta pública. Aí está o engano—e o engodo. As emissoras de fato obedecem ao consumidor (oferecem o que ele aceita ver, digamos assim), mas a condição de consumidor é apenas uma das duas faces de cada um de nós. Quanto à outra face, a de cidadão, elas ignoram. Elas escondem. Elas chamam o telespectador a se manifestar como cliente: você quer consumir este programinha de nudismo apimentado? Nunca, porém, consultam o cidadão: você acha que esse programa deveria ser vendido dessa forma, nesse horário? (Eugênio Bucci – Uma proposta para melhorar a TV)

Agora, vamos reelaborar os parágrafos baseados (as) apenas nas respostas que construímos. Pode parafrasear.

## OS ELEMENTOS DO DISCURSO

Lembra-se da discussão a respeito do campo semântico? Observou que trabalhamos basicamente com substantivos? Isso não é fruto do acaso. Observe:

BANDIDO – AMBIGÜIDADE – CENTRO – ADMIRAÇÃO – PÚBLICO  
– BANDIDO – PODER – PROCESSO – MARGINALIDADE – ESCOLHA –  
VÍTIMA – SISTEMA – EXERCÍCIO – REVOLTA – RESISTÊNCIA – INCLUSÃO  
– PREÇO – CAPITALISMO – FERNANDINHO BEIRA-MAR – BRASIL  
– CRIMINOSO – CELEBRIDADE – PRESO – SOCIEDADE – CASTIGO –  
CARREIRA – BANDIDO – ESPAÇOS – CAPACIDADE – ROTINA – PUNIÇÃO  
– CONTEXTO – SOCIEDADE – CIDADÃOS – GLAMOURIZAÇÃO –  
MELIANTE – ESPAÇO – CADEIAS – BANDIDO.

Esses substantivos constituem um parágrafo. Construa hipóteses a respeito dos prováveis argumentos veiculados nesse trecho. Quais são as ideias possíveis nele defendidas? Observou que os substantivos são uma das categorias mais fortes da argumentação? É possível saber, só através deles, quais são os objetos circulando dentro do texto, as possibilidades temáticas... Contudo, um texto não se faz por palavras ilhadas. É preciso saber qual a relação estabelecida entre “bandido” e “celebridade”. Bem, essa resposta quem nos dá é a categoria a seguir:

CONTRUÍMOS – COLOCA – SABE-É – PASSA – SER TRATADO – GANHANDO – TEVE – É – FAZ – CHOCA – DEMONSTRA – COMEÇA – VIRAR – É – ISOLADO – DEVERIA – ESTAR – ENCERRANDO – DEVERIA – PERDER – DETERMINAR – CONSTITUÍDA – COMEÇA – É – FEITAS – PUNIR – ENSINAM – SABEM.

Esses são os verbos que acompanham os já referidos substantivos (as duas classes mais importantes para a argumentação). Comece a estabelecer conexões entre os substantivos mediante o auxílio dos verbos. Observou como os verbos surgiram em menor número? Bem, é necessária apenas uma ponte para ligar duas margens, não é mesmo?

Algumas hipóteses começaram a se confirmar, outras foram descartadas, mas o texto ficou quebrado. É hora de dar fluidez a esse discurso. Una os substantivos e os verbos em um mesmo parágrafo. Durante esse processo, vá acrescentando preposições, conjunções, estabelecendo a pontuação, delimitando e qualificando.

A seguir, leia o seguinte texto de Roberto Da Matta (extraído do Estado de São Paulo, 26 de setembro de 2002). Aqui, você irá encontrar o parágrafo que deu origem a esse exercício. Compare-o com o seu.



## Banditismo à brasileira

Preso após um firme e paciente cerco de 50 horas, Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, disse aos seus algozes: “Perdi, chefia. Não me esculacha não!” Esse misto de admissão de derrota e apelo em prol da dignidade pessoal, coisa que muito se preza e cultiva do Brasil, contrasta com o “Tá tudo dominado”—o grito de escárnio—de Luiz Fernando Costa, o Fernandinho Beira-Mar, proclamado quando ele triunfalmente chefiava a revolta de Bangu 1, no dia 12 deste tenso mês de setembro. E, no entanto, duas sentenças estão intimamente relacionadas. Num caso, há o reconhecimento da impotência e o medo da desonra na forma das indignidades que até agora têm sido a moeda corrente da relação entre policiais vitoriosos e criminosos capturados; noutro, há a arrogância maléfica no momento supremo de vitória. O que as une é a revelação do bandido celebridade, do criminoso à la Lampião e Al Capone. O meliante acima da média e das regras. O bandido que construímos com proverbial ambigüidade e que logo se coloca como centro de admiração velada ou explícita do público. Esse bandido que sabe do seu poder, é hierarquizado e passa a ser tratado como superior ganhando, no processo, um halo de santificada marginalidade porque “não teve escolha”, é “vítima de um sistema podre e injusto” e de certo modo apenas faz um exercício de revolta, resistência e de inclusão a qualquer preço junto a um capitalismo cruel e selvagem.

O que mais choca no caso de Fernandinho Beira-Mar é como ele demonstra que, no Brasil, o criminoso começa a virar celebridade quando é preso, quando isolado da sociedade por castigo, deveria estar encerrando a sua carreira de bandido. Uma das imoralidades do nosso sistema carcerário, não é apenas um trivial conjunto de ausências (falta tudo, já sabemos...), é também a possibilidade comprovada de o bandido ter tudo, inclusive o poder para transformar sua cela num aparelho hoteleiro-criminal. Um aparelho de dentro do qual ele continua a comandar seus crimes. Fernandinho Beira-Mar apenas repete, com inigualável sucesso, ousadia e requinte, a estada de outros criminosos ricos e famosos, cujas celas eram mais pontos de encontro governados pelo seu ocupante, do que locais de castigo. Espaços onde se deveria perder a capacidade de determinar a própria

rotina–punição maior no contexto de uma sociedade constituída por cidadãos livres e iguais. Nos países onde a Justiça não sofre de ambigüidades e paradoxos estruturais–porque as decisões dos juizes são consistentes entre si e com os valores adotados pela sociedade, não existe o que tem sido chamado de indústria de liminares, a polícia é menos corrupta e os criminosos são claramente punidos -, a história do bandido, reitero, encerra-se no cárcere.

No Brasil, porém, a glamourização do meliante começa nesse espaço. É, pois, dessas cadeias feitas para tudo, menos para punir, que os nossos bandidos ensinam o que sabem, aprendem o que não sabem e montam, com o prestígio adquirido e os recursos legais e financeiros que possuem, verdadeiros spas cinco estrelas. Apartamentos onde recebem seus comparsas, decidem sobre a sorte dos seus inimigos, fazem amor com suas mulheres e, no final do dia–que ninguém é de ferro–tomam o seu bom uísque ou fumam um excelente cubano ou baseado. Penso que o acinte que permite a um bandido transformar uma “prisão de segurança máxima” em sua casa e quartel-general, ressalta claramente a vertente hierárquica da nossa sociedade, trazendo à tona o uso para crime das lealdades, do respeito e da cumplicidade que devemos aos parentes, amigos, seguidores e empregados em geral. Só uma amizade indestrutível, infensa a ética e capaz de canibalizar a lei, explica a tortura executada pelo telefone, sob o comando de Fernandinho Beira-Mar. Esse telefone que ninguém consegue desligar ou ao menos controlar! Trata-se de uma prova eloqüente de como o Estado, a Justiça e a segurança pública sucumbem e se esfrelam diante do poder carismático das simpatias e das lealdades pessoais, pagas ou não. Esse uso da parentela e dos amigos na região do crime é também a maior lição contra o mito de que podemos mudar a sociedade modificando somente o Estado, inventando prisões modernas, leis e constituições perfeitas, mas sem tocar nas práticas sociais que só se transformam quando deixam de serem lidas como costumes naturais e hábitos do coração e passam a ser avaliadas em suas implicações sociais e políticas. No Brasil, punir com justiça implica domesticar esses elos sociais que são prova de amor e também instrumentos de cumplicidades imorais, jeitinhos perversos e condescendências legais que estão tão dentro quanto fora de cada um de nós. É preciso rasgar o coração para transformar esses hábitos do coração.

## MÃOS À OBRA

1) O texto inicia-se com uma ilustração que aponta para a ambiguidade que permeia a figura do criminoso no Brasil. Diga qual é essa ambiguidade e quais os argumentos apontados pelo autor para comprová-la.

2) Existem vários discursos sendo retomados dentro desse texto. Encontre-os e estabeleça sua possível origem. A seguir, observe se o tratamento dado a eles leva à sua negação/ desconstrução ou a sua reafirmação.

3) Qual a maior punição a ser estabelecida em uma “sociedade constituída por cidadãos livres e iguais”? Discuta essa afirmação.

4) Qual a relação estabelecida entre o criminoso e a mídia? Trace um paralelo entre o texto de Da Matta e programas como “Repórter Cidadão”, “Balanço Geral”, “Vídeo News”?

5) O autor aponta um problema estrutural da sociedade brasileira que transcende o poder do Estado. Aponte-o e discuta o que foi afirmado pelo autor. Retome o discurso dele no decorrer do seu. Desconstrua e/ou reafirme.

6) Selecione trechos do texto e discuta, detalhadamente, o papel exercido pelos elementos do discurso que discutimos.

## AULAS 21 e 22

Procedemos às correções de parágrafos de textos produzidos por diferentes alunos e em diferentes situações. Observamos frase, sentidos, adequação vocabular, tese. Não coloquei nome dos autores no material e eles não se apresentaram explicitamente durante o processo, mas questionaram os

porquês da correção, por que estava errado e que melhor estratégia para aquele caso, e, no parágrafo seguinte, já conseguiam identificar esses elementos no texto alheio. É interessante observar que é realmente complicado sermos excelentes críticos de nós mesmos, há muitos filtros a serem atravessados, daí a necessidade de buscarmos leitores para nossos trabalhos que nos ofereçam o distanciamento que não conseguimos atingir.

No nosso cotidiano vamos enfrentando certo obstáculo falta de emprego, doença, separação, perdas de pessoas queridas, o tempo que muitas vezes não é favorável, acaba fazendo com que a pessoa desista. Chegar ao objetivo proposto, traçado por nós é cada vez mais difícil se não tivermos algo que nos motive.

Com o passar dos tempos, nos tornamos pessoas mais maduras, pensativas como todo caminho percorrido na vida.

A prisão do diretor do Google por não cumprir a determinação do Tribunal Regional Eleitoral de retirar vídeos do ar. Disse que oferecia a comunidade uma plataforma para a liberdade de expressão em todo mundo. As ordens judiciais são emitidas e revisadas e a empresa recorre como o recurso não foi aceito não teve outra opção senão bloquear o vídeo. Ele afirmou ainda que o usuário que publicou um dos vídeos acabou por removê-lo e fechou sua conta no youtube.

O relacionamento, também como um “negócio”, precisa de uma estratégia a todo momento.

A vida vai ficando cada vez mais dura perto do topo. Porque quando alcançamos nossos objetivos temos também responsabilidades. Por exemplo um gerente de banco ele é responsável pelo bom funcionamento da agência porque comanda o desempenho financeiro desta cumprindo horários resolvendo problemas burocráticos dos clientes, situações adversas durante o período de trabalho. Sendo responsável por definições de metas a serem alcançadas ao decorrer do tempo.

No olhar de uma criança a vida é simples e fácil de se agradar, fica feliz até com um brinquedo que custa um real, porém, quando adulto vêm o apego aos bens materiais e muitas vezes acha que o caro vale mais.

Bem de uma certa forma, a propaganda tem feito o mundo feminino sair dos padrões naturais. Esta evolução da tecnologia tem estimulados as mulheres ser outra pessoa. A beleza dos seios grandes turbinado, bumbum avantajado, pernas torneadas. Com isto a classe masculina não ver mais o motivo de valorizar a mulher como ela é. E sem ser outra pessoa. Desta forma tem mulheres que estão usando este meio para promoção de si. A venda e aluguel de seu perfil está chegando até nas classe "A" aqual não necessita de dinheiro e nem proveito mas sim por falta de valorização da classe feminina. O comércio oferecer os produtos porque acredita que esta classe não são unida e nem se conhecer por dentro. Esta conduta está cada dia chegando na residência de pessoas que não fazem parte dos mesmo. Fazendo os maridos impor beleza e aparência de terceiro ou seja. Ser igual atriz de novela, filme outdoor.

Será que nós falamos o que fazemos, ou simplesmente saindo jugando os outros por seus atos, e continuamos na mesma, como por exemplo, não estudamos mas queremos passar no concurso público, sabemos que o caminho e o estudo contudo ficamos apenas no falar, agir que é o importante, praticar não o fazemos, vamos agir mais e falar menos.

## AULAS 23 e 24

As novas mídias interferem constantemente nos modos de comunicação, inclusive empresariais, a circulação de papel fica menor e está havendo predileção constante pelo uso do e-mail para comunicados, memorandos e solicitações. O memorando, por exemplo, destinado a comunicações mais ágeis, seja em empresas privadas ou instituições públicas e entre setores hierarquicamente iguais ou distintos, está sendo constantemente substituído pelo correio eletrônico, mesmo alguns despachos, deferimentos ou indeferimentos estão sendo realizados nos agrupamentos das conversações on-line.

Há algumas situações protocolares em que a versão impressa é ainda é fundamental para caráter de controle documental e de acompanhamento de processos. Todavia, se o assunto não demanda vários trâmites processuais, o **e-mail** é realmente uma alternativa mais eficiente.

Foi oportuno para falarmos de obviedades importantes como não se esquecer de preencher o campo “assunto” com palavras ou expressões chave e de que a comunicação deve ser clara, objetiva e impessoal na medida do possível, correio eletrônico da empresa não deverá ser utilizado para correntes, fins pessoais, divulgação de vídeos engraçadinhos, ambiente profissional, comunicação profissional.

Trabalhamos com esse modelinho simplificado.

TIMBRE DA INSTITUIÇÃO
(4cm)
MEMORANDO N°
LOCAL, DATA
DE:
PARA:
ASSUNTO:
PRONOME DE TRATAMENTO E CARGO DO DESTINATÁRIO
(2 cm)
CORPO DO TEXTO
DESPEDIDA
ASSINATURA E CARGO

Muitos alunos não possuem computador e, para esses casos, abri exceção para que me entregassem os trabalhos manuscritos desde que observados os espaçamentos e “formatação” pertinentes.

Segue o exemplo de um desses trabalhos:

Memorando circular nº1

Em 27 de outubro de 2012

Ao Sr. Paulo – Promotor de Vendas

Assunto: Melhoria de Vendas

Nos termos do plano de estratégia estabelecido na reunião mensal de julho deste ano, solicitamos a Vossa Senhoria a melhoria de vendas nesse período de final de ano e a petição de novos produtos.

As especificações deverão ser obtidas junto aos departamento de vendas, e os orçamentos deverão ser apresentados na próxima reunião que ocorrerá no próximo dia 07 para deliberação.

Atenciosamente,

Fulana de Tal

Chefe do Departamento de Vendas

O formato foi compreendido e conseguimos acabar com esse ranço de se iniciar correspondência com a famosa frase “escrevo este memorando para...”. Trabalhamos o conteúdo desse material, as prerrogativas de administração e avaliei os trabalhos realizados em sala de aula e se a compreensão desse formato havia se efetivado.

Já que estamos falando constantemente da argumentação, da defesa de tese e de argumentos bem desenvolvidos, uma estratégia que tem dado resultados interessantes é essa:

1. Distribuir pela sala papéis com frases diferentes e que cada frase se repita uma vez. Essas frases estarão correlacionadas.
2. Depois dessa distribuição aleatória, os alunos que sortearam a mesma frase entrarão em debate. Um deles irá argumentar a favor do que está escrita e o outro vai contradizer. Os turnos de fala são sorteados e cada um terá direito a apresentação e a réplica.
3. Finalizado o debate entre os dois, a turma escreverá o caminho do meio, como integrar os argumentos contraditórios em uma mesma tese, que ressalvas, que recuos, que avanços deverão ser realizados. Ainda não será, contudo, um texto, apenas um esquema geral, um primeiro passo descritivo e o segundo analítico.
4. Quando todas as duplas tiverem terminado seus debates, a turma irá escrever um texto coletivo. Escolhido um relator, para ir anotando no quadro e outro em caderno, todos estudarão a melhor abordagem, as melhores formas discursivas.
5. O professor digita o texto e, na aula seguinte, o distribui e os alunos fazem a crítica do que foi produzido.

Após esse momento, apresenta-se um segundo material para debate. Aproveita-se o ensejo e traz-se uma temática que merece discussão em toda sala de aula – as questões de gênero, por exemplo. Um curso técnico pode funcionar plenamente como espaço de discussão, de estímulo ao espírito reflexivo e o pensar sobre a sociedade e sua dinâmica sem que se perca o seu propósito “prático”. Eis o texto que escrevi para estudarmos.



## MORALISMOS DE PLÁSTICO

A propaganda é a alma ou compra a alma de uma sociedade. E a mulher é o produto preferido desse massacre. De um lado do ringue, temos as propagandas que expõem bundas, peitos, carne feminina, mulheres idiotas que se atiram e obedecem um homem apenas pelo desodorante que ele usa, carros que conquistam qualquer uma. Do outro lado, comerciais que tentam ser poéticos, enaltecendo os cabelos na Natura, a maternidade na P&G, a feminilidade na Boticário, a tigresa na Riachuelo. Como dois universos tão distintos vendem, inclusive, para mulheres?

É o nosso moralismo de plástico. Consumimos o corpo feminino de todas as maneiras, degradantes ou disfarçadas, acompanhamos a vida de gente irrelevante só porque as suas bundas são uma pedra de anabolizantes, porque seus peitos ganharam tantos litros, porque a calcinha apareceu, ou uma endoscopia invertida foi fotografada. Compramos, divulgamos, gastamos vida nisso. Todavia, assim que a funkeira começa a namorar, a grande mídia repete incansavelmente a pergunta de quando vão se casar. Da suruba para o sagrado matrimônio. As sinhazinhas se arrepiariam todas com essa mentira de liberdade sexual.

Não é porque as mulheres podem escolher quais, quantos parceiros quiserem que elas se livraram dos estigmas de prostituta. Na mídia, somos putas e somos mães, sem intervalo ou caminho do meio. E todas apenas corpo. Ou para parir ou para trepar. A propaganda refrata, amplia, mas não inventa, pelo menos, não sozinha. Os indícios estão lá, na nossa cultura, é só rastreá-los e amalgamá-los em um produto, em uma coisa. Deus me livre do clichê SER versus TER, isso é uma mediocridade de argumentos. O que estou reforçando é que a mulher é o primeiro objeto a ser possuído, inclusive por nós mulheres. Seja nas mocinhas e bandidas da televisão, seja acompanhando a fulana que engordou, a atriz que embarangou, o vestido da perigete, o biquini das bundas flutuantes... Não vamos nos colocar como vítimas passivas porque não somos. Mesmo.

Um dia, conversando com minha mãe, ela estava discriminando as mulheres que posam nuas. Eu, em um ato de desobediência filial, perguntei quem era mais prostituta - a mulher que transa com o companheiro apenas porque é direito dele e sai falida, de vagina

machucada, arrasada de uma relação, ou a mulher que expunha essa vagina, ganhava muito dinheiro com ela e ainda não tinha que ficar aplicando bicarbonato de sódio e chá de camomila depois? Será que somos apenas objetos sexuais ou manipulamos esse jogo para ganharmos com ele? Pode ser que o tiro saia pela culatra, mas pelo menos ainda rende um filme pornô.

Não tenho respostas para muitas das minhas perguntas, mas acho que devemos sempre duvidar do reducionismo da grande mídia que nos coloca em calcinhas fio dental com um pano de chão nas mãos. Ainda mais, alienadas ou não, ardidas ou não, ainda há muitos espaços a serem preenchidos em nosso imaginário conflitante pela mulher e suas novas figuras. Pena que esses moralismos são de plástico não biodegradável e vão ficar poluindo nossa cultura ainda por muito tempo. Rachadas em duas (sem trocadilhos) as meninas ainda precisam juntar muitos pedaços antes de serem apresentadas pela grande mídia como um todo mais complexo. E você? Vai comprar o desodorante íntimo ou o novo lançamento OMO?

O primeiro passo foi colocá-los confortáveis para discutirem, criticarem, discordarem do texto da professora. Fomos levantando os pontos que consideraram mais importantes do texto, fincamos o debate e sublinhamos os elementos que davam um tom mais informal ao texto. Nesse instante, discutimos os *blogs* como fonte de informação e elementos como objetividade x personalidade, como retirar as marcas de oralidade, como formalizar um argumento originalmente desprezioso, como aprofundar informações que demandam maior discussão.

Solicitei a eles que elaborassem uma redação em que o meu texto fosse contra-argumentado e que exercitassem a citação e a referência de que havíamos falado durante as atividades com o texto de Machado de Assis. Trabalhamos os modos de citação direta e indireta a partir da retomada do que havíamos aprendido a respeito de discurso direto e indireto.

Eis um dos textos que recebi:

As mulheres hoje

As mulheres sempre foram vistas como um objeto, sem se importar com as necessidades ou desejos nelas existentes. Vistas muitas vezes como meras donas de casa e cuidadoras de filhos, tanto que elas tinham de quatorze a doze filhos e muitas vezes ajudavam na lavoura, cuidando de animais para complementação da alimentação, já que não havia condições de um trabalho fora de casa.

Os anos passaram e hoje vemos que nada mudou, as exigências sobre a mulher perfeita na visão dos homens, continua aprisionando-as a uma forma perfeita de corpos esculturais, cada vez mais a procura por intervenções cirúrgicas por peitos durinhos e redondinhos, barriga de tanquinho, bumbuns empinados e enormes, alegando que mulher brasileira tem bundão, mas quem foi que disse isso? Afinal somos um mistura de tantos povos e culturas...

A realidade é que se o homem trai é garanhão, se é a mulher é vadia, nossa sociedade preconceituosa ainda não se libertou de costumes impostos por gerações antigas uma vez que era extremamente machista. Mulheres são violentadas e o que a sociedade logo pensa é com que roupa ela estava na hora do ocorrido, como se a roupa fosse o motivo da violência.

As mulheres têm sentimentos e querem reconhecimento por seus talentos, qualidades e habilidades. Elas têm uma força fora do comum, fazem trabalhos que não são reconhecidos pela sociedade, ou será que tomar conta da casa, enfrentar bancos lotados pra pagar as contas, levar os filhos pra escola, educar, ser enfermeira, cozinheira, e muitas delas trabalham fora e estudam para melhorar e ajudar na renda da família; o que mais podemos esperar dessas super mulheres.

Note-se que a questão de referenciar um texto prévio ainda não estava sedimentada para alguns alunos, e, portanto, o movimento de se construir uma resenha ficaria comprometido. Refizemos a atividade em conjunto em sala de aula e, com um número muito maior de exemplos, conseguimos alcançar um bom resultado.

Aproveitei o momento para revisarmos o que havíamos aprendido até ali, sempre mantendo o movimento constante de ir e vir de conteúdos e verificando o quanto os conhecimentos são extensíveis a diferentes usos.

## AULAS 27 e 28

Escrevi esse poema para apresentar, de forma menos enjoada, as novas regras do velho novo acordo ortográfico. Cedi aos apelos da turma que disse que precisava desse trabalho, apesar de eu já haver constatado que, para a maioria, as regras anteriores também não existiam. Fomos estrofe a estrofe levantando exemplos cotidianos.

Tá certo que ditongo aberto é o ditongo que se usa no dentista  
Quando ele pergunta “**Dói?**” a gente sabe que o acento fica ali  
Acusando o quanto é aguda a sua situação  
Mas se o maledeto se engraça e vem acompanhado de outra vogal  
O dentista não mais te **apoia** e o acento cai no chão

Não há **joia** que se dê  
O acento não admite a **ideia** de voltar  
Imagina, uma queda dessas me fez virar best-seller  
Voltar ao anonimato? Nem pensar.

Em épocas de tanto silicone  
Diferença é difícil de encontrar  
Acento diferencial então  
Foi morto sem enterrar

Deixaram a mãozinha de fora  
Para **pôr** onde for necessário  
Mas ela não **para**  
Já que se **péla** de medo

Não consegue largar o rosário  
Ficou ainda um chapéu no **têm** e **vêm**  
Para cobrir a falta de cabelo

Por mais que se pretenda, se discuta, se entenda  
Não há história de amor que se repita  
Nem acento em vogais duplicadas que resista  
Nem que elas se **deem** as mãos  
Não **creem**, não **leem**, não **veem** verdade em seus olhos  
Cai o acento da relação e fica a vogal sem teto sem chão  
Sem voo, só com o enjoo do fim da relação

E se tentar juntar palavra com palavra  
Perceba que é negócio perigoso  
Melhor não arriscar  
Vai que você coloca duas sílabas tônicas

Amarradas no mesmo lugar  
Aí a coisa não vai  
Melhor separar **bolsa-família** por hífen  
Ninguém quer filho chamando dólar de papai

Como dois bicudos não se beijam  
Pelo menos na época de minha avó  
É melhor separar por hífen **pré**, **pós** e **pró**  
E também o **vice** ou o **ex**  
Que é para não dar intimidade para quem não merece  
Nem mandar entrar quem recebe menos no fim do mês

Aproveite e mande um hífen também  
Em casamentos em que o **bem** e o **mal** estão falando  
Melhor ainda, lasque esse risquinho no casamento  
Dos prefixos que terminam em **m**  
Em épocas de gripe suína  
Ninguém quer consoante nasal se acasalando  
Ninguém quer que **bem-amado** vire bêbado

E coloque a família em ruína  
O **mal-acabado** pode virar mala de vez  
E os pobres **recém-nascidos** ficam sem brinquedo

Lembra das mulheres submissas?  
Hoje não tem mais  
Tem é hífen separando  
Vogais que são iguais  
Tem micro-onda tirando uma  
De que nunca foi casado  
E semi-interno sonhando com o mal-acabado

Nesse mundo de preconceitos  
Só se juntam as vogais diferentes  
Ou se duplicam consoantes **r** e **s** entre lençóis vocálicos  
Não importa quanta **autoaprendizagem** se busca  
Ou **antirreligioso** se seja  
Ninguém se preocupa se a  
**minissaia** ficou feia  
Ou se o **ultrassom** anda a sibilar  
Só querem saber o nome  
Da menina que fez nenê  
Como atividade **extracurricular**

Dizem que o nome é Ada  
Mas não fui eu quem contou  
O que me informaram é que o **antiaéreo** que a acertou

Assinava algo como **hiper, super, inter**  
Não me lembro bem  
Só sei que esses prefixos  
Querem sempre um hífen  
Não se grudam em ninguém

E se você não gostou da minha conversa  
Não posso fazer nada

Melhor consultar o **senhor advogado**  
Que fez **direito** no boteco  
Porque vou ficando por aqui  
Sem direito a repeteco  
Perdeu minha aula de **língua portuguesa?**  
Vá se queixar ao **Bispo**  
Ou à mulher dele  
E aproveite e diga que o trema morreu  
E ficaram umas letrinhas novas no alfabeto  
**K, W e Y**  
Que era para nome de pobre não ficar fora da lei  
E o inglês do português continuar correto.

Não acredite muito no que tenho feito  
Melhor olhar o novo dicionário  
Dizem que o co, por exemplo,  
Não obedece bem o preceito  
Se amasiou com um colega  
E nem usa hífen nem nada  
Até parece que é **coobrigação** da gente  
Aceitar essa presepada

Não se esqueça de que o texto é meu,  
Fui eu quem escrevi  
Veja o que está nele  
O que não mudou, não mexi  
Se tirar o meu nome da autoria  
Não tem vela, não tem choro  
Te mando para minha sogra  
Tirar seu capeta do côro  
Mas não fui eu quem contou.

Disponibilizei a NBR 10719/2011, que trata da escrita de relatórios técnico-científicos e realizamos sua leitura em sala de aula. Estabeleceu-se um paralelo entre os movimentos argumentativos e os descritivos, suas diferenças e semelhanças também no processo de leitura, que demanda diferentes abordagens para diferentes modalidades de escrita.

Aproveitamos que iriam realizar uma visita técnica e já haviam participado do I Festival de Arte, Cultura e Ciência do Campus Taguatinga Centro e utilizamos essas experiências para as práticas de escrita.

No geral, os alunos entenderam bem o formato do relatório, suas partes essenciais e acessórias, a disposição discursiva, mas apresentaram dificuldade em assimilar as regras de formatação. Após conversar com eles, verifiquei que esse fato tinha mais a ver com a falta de intimidade, por parte de alguns, com o processo de editoração no computador. Ficou anotado na minha listinha de atividades a serem desenvolvidas. A seguir, estará parte de um dos relatórios que recebi. Observe o recurso de copiar do Google acompanhado de momentos de autoria, de ainda não se conseguir detalhar melhor elementos pertinentes. Isso corrobora a ideia de que a compreensão dos formatos chega antes da própria habilidade de “preenchê-los” com a escrita.

### Introdução:

O polo industrial de Anápolis é o maior do estado de Goiás ,reunindo grandes empresas,sendo a Indústria Farmacêutica a principal atividade econômica .

Visitamos o distrito agroindustrial onde estão as instalações da empresa Porto Seco do Centro-Oeste S/A. Com uma segurança rígida ,câmeras e homens fortemente armados fazem a segurança de toda a área da empresa, a Porto Seco trabalha com a logística de vários produtos que são produzidos no D.A.I.A distrito agroindustrial de Anápolis e de outros Estados.



A Porto Seco do Centro-Oeste S/A é um complexo logístico que se encontra estrategicamente localizado no centro do Brasil, integrando os mais diversos mercados consumidores é líder na região em logística de armazenagem e movimentação de cargas nacionais e de mercado exterior, possui uma variedade de serviços associados a forte integração tecnológica.

Com uma área total de 410 mil metros quadrados, a empresa possui: armazéns, silos, graneleiros, terminal de contêineres, pátios para veículos, ramais ferroviários, ilha de fiscalização, complexos farmacêuticos, câmaras frigoríficas e terminal (de minério de cobre). Dentro da areada Porto Seco do Centro-Oeste encontram-se em um só local escritórios da Receita Federal da Anvisa e do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. A Porto Seco opera com equipamentos modernos, interligados por sistemas informatizados como: Esteiras, pale-teiras elétricas e manuais, empilhadeiras, top loaders, stackers.

Serviços:

- Armazenagem, Área alfandegada.
- Logística de mercado interno.
- Movimentação de cargas.
- consultoria Aduaneira, tributária e em comércio exterior.
- E-services – Integração virtual.
- Diferenciais – Referência em estrutura, tecnologia e segurança.

A Porto Seco do Centro-Oeste está em fase de ampliação de sua área de logística, com a construção de vários galpões de armazenamento de cargas e também uma pista de aterrisagem de aviões cargueiros. Após uma breve avaliação pessoal das instalações pude perceber que a empresa é de nível internacional tendo um maquinário de suporte de primeiro mundo.

A empresa também se preocupa com a preservação do meio ambiente com o plantio de árvores nativas do cerrado ao redor de toda a área, e com a implantação de projetos ambientais na cidade de Anápolis e região e com isto ter sua parcela de ajuda para a não degradação da natureza.

## AULAS 31, 32, 33 e 34

Somos uma sociedade marcada pelo consumo e o ambiente publicitário, a fim de vender seus produtos, promove o despertar de desejos, a construção de necessidades e a refração de padrões já ambientados em uma sociedade ao mesmo tempo em que constrói novos modelos. Não se compra um celular simplesmente, mas todo o status e toda a representação que lhe é depositada.

A construção de uma marca funda-se na sua inserção na memória das pessoas, na sua vinculação a valores que são importantes para os grupos, no amálgama gerado entre o objeto a ser adquirido e o ser no mundo e para os outros. Os comerciais devem dizer muito em 15, 30 segundos, a propaganda impressa deve ser atraente e criativa o suficiente para que as pessoas se sintam impelidas a lê-las, levá-las em consideração antes de simplesmente receberem aquele papel e atirá-lo na primeira lixeira.

Essa discussão torna-se extremamente rica em sala de aula porque podemos aprofundar a percepção dos espelhos que a propaganda nos coloca, da quantidade ínfima de negros, das propagandas de carro serem voltadas fortemente para o público masculino, das de produtos de limpeza debruçarem-se sobre a visão da mulher dona de casa, do efeito das músicas e cores selecionadas, dos preconceitos embutidos, dos pensamentos apresentados... É conhecer a linguagem publicitária para prevenir-se dela enquanto se a utiliza. Há espaços, inclusive, para a discussão de ética.

Levei alguns comerciais de grandes e famosas marcas para que pudéssemos analisar. Em seguida, conversamos sobre as ruas do bairro Taguatinga Centro, da alta concentração de pessoas a entregarem panfletos naquela região. Propus e eles que elaborassem um material desse com o desafio de conseguir a atenção do transeunte antes de ele jogar fora sem ler, algo extremamente comum. Algumas perguntas deveriam ser levadas em consideração:

1. Qual produto e quais valores embutidos ou passíveis de serem colocados?
2. Qual o público-alvo? Quais características, quais sonhos, quais necessidades?
3. Como começar o texto? Quais as suas dimensões? Quais as estratégias de apresentação?
4. Que interpretações poderão ser dadas ao material depois de pronto?
5. Direitos autorais?

Recebi trabalhos excelentes, bem diagramados com excelente apresentação. Por motivo de direitos autorais, uma vez que foram utilizadas imagens de propagandas já existentes, reproduzo aqui apenas o texto, ainda em sua primeira versão.

Seu relacionamento esfriou? Deseja apimentar seu relacionamento? O que você precisa? Temos o que você precisa, marque sua visita, consultoras preparadas e qualificadas.

Para um ótimo atendimento Fones: (61)8888-8888 ou (61)7777-0000

site: [www.sensuality.com.br](http://www.sensuality.com.br) End.: Qs 02 Rua 210, lote 20–Pistão Sul Taguatinga

SENSUALITY essa vai te fazer muito bem. Venha conferir!

Lingerie de alta qualidade com um toque sensual, para homens e mulheres que precisam de um toque especial pra não cair na rotina. Você sensual e com muito estilo.

A repetição da palavras “precisa” foi corrigida pela própria aluna durante o processo de releitura que realizamos sempre quando me entregam um trabalho.

Dessa escala mais “criativa” do negócio, passamos para a formalidade mais precisa da carta comercial. Como o próprio nome já diz, seu espectro de atuação é amplo e destina-se à temática pertinente à atuação dos sujeitos nos trabalhos de indústria e comércio. Entreguei a eles o seguinte modelo:

TIMBRE
Endereço
Data
Destinatário
Corpo do texto
Saudação
Assinatura do Remetente
Cargo/Função

Os assuntos são variados, podem se referir à remessa de produtos, à mudança de normas de funcionamento da empresa, à admissão de funcionário, proposta de relacionamento com cliente... O importante é prezar cortesia, objetividade, assertividade, clareza.

## AULAS 35 e 36

A construção do Currículo ou Curriculum Vitae (lê-se “vitê”) andou passando por algumas atualizações e é uma peça poderosa na busca por emprego e novas oportunidades. Há empresas que disponibilizam formulários on-line previamente estruturados e há as que não colocam o formato específico que desejam. Todavia, algumas considerações continuam fundamentais:

1. Nome completo;
2. Foto: esse é um campo controverso, frequentemente utilizado para ações discriminatórias, deve-se utilizar se essa for uma exigência da empresa;
3. Informações para contato: aqui, sugere-se que seja colocado o número de telefone, endereço eletrônico e, caso a empresa solicite, endereço físico residencial. Essa informação pode, em alguns casos, decidir a vaga. Há empregadores que avaliam a distância entre o trabalho e a cada do candidato e que postulam previamente o local residencial como um dos critérios de seleção;
4. Formação acadêmica: campo em que se apresentam os dados da vida escolar pertinentes à vaga almejada. Não é necessário contar que fez Jardim I na escola da Tia Rita, mas os cursos de qualificação, onde foram feitos, se possui ensino médio completo, graduação, se possui alguma habilidade em uma língua estrangeira;
5. Experiência Profissional: onde trabalhou, em que, que funções desempenhou, o período trabalhado...

Vale lembrar que não se deve mentir no currículo, dizer que sabe montar computadores e não conseguir achar o botão de liga/desliga, dizer que é habilitado em transportes de cargas pesadas e ter licença só para pilotar bicicleta. As informações prestadas terão que ser comprovadas e

isso é um fato. Por outro lado, é interessante acrescentar informações não mensuráveis apenas por certificados, mas que são muito importantes para a avaliação do candidato a emprego, tais como: habilidades, personalidade, disposição... O comportamento é avaliado nas entrevistas de emprego e pode ser um elemento favorável na escrita do perfil profissional.

Esse “retrato” da sua carreira e formação deve ser dinâmico, estar em constante progresso e pode ser apresentado por meio de tópicos ou por meio de um memorial descritivo, mais discursivo, com um toque de personalidade, como o que segue:

(...)O contato com outras culturas, as leituras a respeito de antropologia, intensificaram o meu desejo de ver a figura inteira, de estudar a estrutura da língua e, ao mesmo tempo, buscar o ser humano e suas construções materiais, míticas, artísticas. Acredito que a leitura nasce também do diálogo das referências, da complementaridade entre as áreas do saber. Essa concepção justifica, talvez, o fato de que eu não deixava de ansiar pela redescoberta do mesmo objeto de estudo por outras perspectivas. Síndrome de casa dos espelhos. Em 1998, abri mão da bolsa do CNPq porque havia optado por me dedicar mais às salas de aula. Confesso que foi uma decisão puramente financeira, havia uma família para ajudar. Nesse mesmo ano, encontrei mais um dos que viriam a ser meus exemplos de professor – Geraldo, o Geraldão, professor de língua portuguesa do CEPAE, que orientava o meu grupo de trabalho nas épocas de estágio. Encontrei alguém que sempre dizia que professor deve escrever também, não só os alunos. Com ele, aprimorei técnicas de convívio com adolescentes, percebi a importância da colaboração entre os profissionais e contemplei a imagem de alguém que nunca perdeu o encanto pela profissão que escolheu (...).

Como se observa, há um tom menos formal, que, contudo, não deve enganar o autor. A primeira pessoa, as pequenas reflexões, devem se submeter ao objetivo maior que é a apresentação do profissional em uma dimensão mais ampla. Nessa aula, muitos alunos se apresentaram com muitas informações a apresentar e outros ainda estavam em comecinho de carreira, então, trabalhamos as duas abordagens e identificamos que nenhuma pessoa é um currículo vazio, todos têm muito a contribuir e a aprender.

## AULAS 37, 38, 39 e 40

O corpo canta, o corpo fala, o corpo representa, o corpo denuncia. A linguagem corporal deve ser discutida, trabalhada, para que o aluno consiga inspirar confiança, tornar-se elegível às funções para que se candidate. Sempre trabalho com muitas atividades orais, com apresentação rápida de trabalhos e temas. Identifiquei a necessidade de trabalhar explicitamente essas posturas e vozes e solicitei aos alunos a apresentação de seminários. Após a apresentação de cada grupo, abrimos espaço para conversarmos a respeito das mídias que podem ser auxílio em uma apresentação de resultados, de conceitos, quais cores e disposições são mais apropriados e conversei, de maneira delicada, sobre a postura de cada um.

Conversamos a respeito dos ombros baixos, dos olhos “desgovernados”, ou que se desviam de contato direto, das mãos que se mexem demais e que ora puxam a blusa, ora mexem nos cabelos, ora se enfiam em bolsos para nunca mais saírem. Essas mensagens de nervosismo e insegurança podem ser trabalhadas por meio do constante exercício de observar a si mesmo.

Apresentei alguns exercícios de respiração e de dicção para que o diálogo acontecesse de maneira mais efetiva e, durante todo esse processo, trabalhar, implícita ou explicitamente, a autoestima dos alunos, a sua importância como cidadão e a necessidade de se comunicar com confiança. Em algumas situações, o arquivo não abria, o equipamento falhava e acabavam fornecendo momentos muito ricos em que observávamos as reações diante do imprevisto. Organizados em grupos, cada estudante era observado individualmente e na sua relação com os outros elementos de sua equipe.

# **BRASILEIRA NO PORTUGUÊS**





## O PROJETO BRASILEIRA NO PORTUGUÊS

Os recursos midiáticos alcançaram proporção expressiva o suficiente para que não sejam ignorados pelos sistemas de ensino. Sites de relacionamento, informativos já demonstraram eficiência em agregar pessoas, em constituir público consumidor e produtor de material. Há várias ferramentas disponibilizadas gratuitamente e largamente utilizadas. Nesse sentido, a educação deve construir usos produtivos dessas ferramentas, canais que possam associar instrução a um discurso leve, acessível e que possua, potencialmente, um alcance muito maior que os meios tradicionais. Propõe-se a inserção nesse construir coletivo de conhecimento, experimentar e avaliar novas possibilidades e estratégias na utilização efetiva desses mecanismos para o processo de ensino-aprendizagem. Foi com essa perspectiva que criei o projeto. Brasileira no Português, que trabalha com a construção da aprendizagem por meio do uso de redes sociais como facebook e blog, em que eu posto vídeos caseiros, dicas a respeito de leitura e escrita e onde os alunos poderiam enviar seus trabalhos e as revisões solicitadas. Observei que aqueles que participaram desse processo de ensino fora da sala de aula, se desenvolveram muito mais, porque as atividades não se restringiram às atividades em sala. Houve casos de um mesmo texto ter sido reescrito cinco vezes durante a semana. Ficou muito bom.

A grande dificuldade que teremos que enfrentar é que alguns alunos não possuem computador em casa, muito menos acesso à internet. Esse ficaram dentro do processo de entregar o texto em uma semana, receber a correção depois, em outras palavras, trabalharam em um ritmo menos intenso, o que não impediu o seu progresso. Para os próximos semestres, trabalharemos estratégias para que todos possam participar do processo on-line.

Optei por construir os quadrinhos de dicas em língua portuguesa em um formato que já não estivesse sendo ofertado exaustivamente por diferentes páginas on-line – colocar as regras dentro de um texto poético em que devessem ser resgatadas pelo contexto e não simplesmente apresentadas para o decoreba, mas para o entendimento.

Os alunos foram solicitados a apresentar seminários a respeito do conteúdo desses quadrinhos. Cada grupo de três pessoas, tinha cinco minutos para explicar a regra escolhida. Foi interessante perceber que, mesmo depois de todo o trabalho que vim realizando ao longo do semestre, eles ainda estavam se valendo da ênfase sobre uma nomenclatura que não entendiam. Lá estavam aquelas palavras misteriosas da gramática normativa, cheias de poder inspirado pelo temor. A nomenclatura deveria ser trazida para o raciocínio e pontuei isso com eles e o perigo de se trazer para apresentação elementos que não se domina. Foi um bom momento para a retomada das discussões do que é necessário para o falante no uso cotidiano da língua e o que é de interesse apenas para estudiosos profissionais de linguagem.

Apresento, agora, alguns dos quadrinhos divulgados pelo blog e pela página do facebook.

## 1. A FIM/ AFIM

VOCÊ PODE ATÉ ESTAR **A FIM** DELE  
MAS VOCÊS POSSUEM QUALIDADES **AFINS**?  
PORQUE TEM MULHER CARENTE QUE COLOCA HOMEM  
COMO FINALIDADE  
E, **A FIM DE** ARRANJAR COMPANHEIRO,  
NÃO OUVI CONSELHO DA GENTE  
NEM SE IMPORTA SE O FULANO É **AFIM**  
AO QUE ELA ACREDITA SER NECESSÁRIO  
SE TRABALHA PARA GANHAR DINHEIRO  
SE TEM CARÁTER OU É UM OTÁRIO  
VÁ POR MIM  
FIQUE **A FIM DE** ESTUDAR, EVOLUIR  
E SÓ DÊ CREDENCIAL A SUJEITO  
COM QUALIDADES **AFINS** ÀS SUAS  
E QUE FAÇA VOCÊ SORRIR,  
VALEU?

EX.: – **A FIM DE** (FINALIDADE)  
- **AFIM** (SEMELHANTE)

## 2. A NÍVEL DE

A EXPRESSÃO “**A NÍVEL DE**” VIROU PIOLHO NA LINGUAGEM “EM RELAÇÃO A”, “NO SENTIDO DE”, EM TERMOS DE”, “NO QUE SE REFERE A” PODEM SER UTILIZADAS NÃO TÊM CONTRAINDICAÇÃO, NÃO FAZEM MAL MAS TEM GENTE QUE NÃO GOSTA DE VARIAR TEM MEDO DE SE PERDER NÃO SEI SE O MEDO ESTÁ **AO NÍVEL DO** USO OU SE O ERRO É MAIS COMUM **EM NÍVEL NACIONAL** “**A NÍVEL DE**” MANDA FALAR DE “MESMA ALTURA”, DE NIVELAMENTO “**EM NÍVEL DE**” PODE SER TROCADO POR “EM TERMOS DE”, PARA QUE FICAR NO CACOETE, NESSE VÍVIO MALDITO A LÍNGUA PORTUGUESA DÁ UM GUARDA-ROUPA INTEIRO E VOCÊ QUER SE VESTIR DE MENDIGO?

EX.: AQUELA CIDADE FICA **AO NÍVEL DO** MAR.  
- **EM NÍVEL DE** PREÇOS DE ALUGUEL, BRASÍLIA CASTIGA O TRABALHADOR

### 3. AGENTE/ A GENTE

LÍNGUA PORTUGUESA É UM LANCE MUITO DOIDO  
**A GENTE** SEPARADO SIGNIFICA EU JUNTO COM ALGUÉM  
OU ALGUNS, NÃO POSSO JULGAR NINGUÉM  
APESAR DE TANTA GENTE EMBUTIDA  
**A GENTE** PEDE SEMPRE O VERBO NO SINGULAR  
SE ESCREVER JUNTO, ESTÁ EM CANA, MALUCO,  
SÓ NÃO SEI SE PELO **AGENTE** DO PRESÍDIO OU DA FEBEM  
E, APESAR DE ESCRITO JUNTO, ESTÁ SOZINHO  
E SÓ GANHA COMPANHIA SE O “S” ATENDER O CELULAR

EX.:

- **A GENTE** RECEBEU MUITAS VISITAS HOJE.
- **A GENTE** GANHOU O CAMPEONATO DE FUTEBOL.
- **AGENTE** DA POLÍCIA FEDERAL É ENCONTRADO MORTO.
- **AGENTES** DA CIA FORAM RESPONSABILIZADOS PELA EXPLOSÃO DO FOGUETE BRASILEIRO.

## 4. AM/ ÃO

A VIDA ESTÁ CRAVADA NO TEMPO  
COMO UNHA NOS DEDOS  
PELE NA CARNE  
NÃO SE SABE SE É FILHA OU MÃE  
DADO QUE O TEMPO  
SÓ ASSUME CHEIRO, COR, FORMA, MOVIMENTO  
SE COLOCANDO NO HÁ DE MAIS FRÁGIL  
QUE SÃO ESSES CICLOS HUMANOS DE NASCER E MORRER  
PASSADO, PRESENTE E FUTURO  
OS HOMENS CANTAM O AGORA  
CANTARAM O ONTEM  
E CANTARÃO O FUTURO  
ENTAÕ, NÃO NOS ESQUEÇAMOS DE QUE  
ÃO INDICA O QUE ACONTECERÁ  
AM O QUE FOI OU É  
E QUE TUDO NA VIDA É TRANSITAR ENTRE TEMPOS  
TRANSITAM HOJE  
TRANSITARÃO AMANHÃ  
TRANSITARAM  
NO PASSADO  
DESEJOS, SONHOS E REALIDADES  
MOMENTOS DENTRO DO TEMPO.

## 5. AUTOSSUFICIENTE

GRITO AO MUNDO QUE  
AUTOSSUFICIENTE NÃO SOU  
E QUERIA MESMO QUE O MUNDO  
GIRASSE EM MEU UMBIGO  
PARA QUE EU NÃO TIVESSE QUE PERDER OU CHORAR  
ENQUANTO ISSO, CANTO AS MENTIRAS  
DE QUE ESQUECI E QUE NÃO SOFRO  
MAQUIANDO O CORAÇÃO FRACO  
E MEUS DESEJOS TOLOS.



## 6. E SIM/ E NÃO

VEJA VOCÊ

**E SIM**

E NÃO

VÍRGULA ANTES

DEPOIS, NÃO

**E SIM** E NÃO

BAILAM NA MÚSICA

AFIRMANDO A NEGAÇÃO

NEGANDO A AFIRMAÇÃO

NÃO COLOCO VÍRGULA DEPOIS, E SIM ANTES DE

**E SIM**

COLOCO VÍRGULA ANTES, E NÃO DEPOIS DE E NÃO

SE NÃO ENTENDEU, CANTE DE NOVO

## 7. EU “SE” SINTO

BICHO, DIZER EU **SE** SINTO  
É PROBLEMA DE PERSONALIDADES  
É PROIBIDO SENTIR ALGO QUE É DO OUTRO  
DIGA EU ME SINTO E ESTÁ TUDO CERTO  
ASSIM NÃO BOLINA ALHEIAS  
PARTICULARIDADES  
MAS SE TEM OUTRO POR PERTO  
COMPARTILHANDO O MESMO TRECO  
PODE FALAR NÓS NOS SENTIMOS  
E NÃO SEJA MAIS TÃO BREGA  
EU **SE** SINTO NÃO É CORRETO  
NÓS **SE** SENTIMOS É ROUBAR PRAZER DO COLEGA

## 8. HAVERÁ/ “HAVERÃO”

**HAVERÃO** É BICHO QUE NÃO EXISTE  
PORQUE, NO SENTIDO DE EXISTIR,  
**HAVER** ESTÁ SEMPRE NO SINGULAR  
NÃO IMPORTA QUANTOS ACOMPANHANTES  
ELE TENHA QUE SUPORTAR

EX.:

- **HAVERÁ** 40 ALUNOS NESSA SALA AMANHÃ.
- **HÁ** TRINTA LIVROS NESSA ESTANTE
- **HAVERÁ** GRATIDÃO E ESPERANÇA NESSE MUNDO?

## 9. LH/ LI

**LH** E **LI** SÃO PARENTES  
MAS NÃO SÃO GÊMEAS  
SE VOCÊ QUER **LIDAR** COM UM  
PROBLEMA, UMA SITUAÇÃO, UM IRMÃO  
ERGA A CABEÇA E SIGA EM FRENTE  
MAS SE VOCÊ QUISER **LHE DAR**  
ALGUMA COISA BOA  
DÊ-LHE BONS CONSELHOS  
COMO LIGAR PARA A **FAMÍLIA**  
DICAS PARA FICAR **MILIONÁRIO**  
TRABALHAR E DEIXAR DE SER À TOA.

## 10. MAS/ MAIS

**MAS** E **MAIS** SÃO PALAVRAS DIFERENTES  
NÃO SE ESQUEÇA DESSA PISTA  
**MAS** CONTRARIA O QUE SE DIZ ANTES DELE  
**MAIS** SOMA, ACRESCENTA, ADICIONA  
ENQUANTO **MAS** É REBELDE  
**MAIS** É PACIFISTA

EX.:

- ELA TEM DIFICULDADES, **MAS** CONSEGUE SUPERÁ-LAS.
- DOIS **MAIS** DOIS SÃO QUATRO.
- ELE É POLÍTICO, **MAS** SE PREOCUPA COM OS POBRES.
- **MAIS** DOIS GANHADORES DO SORTEIO RECEBERAM SEUS PRÊMIOS.

## 11. ONDE NA FRASE

ALEGRIA É A TRISTEZA SEM CONDIÇÕES  
É O **ONDE** ENCONTRADO NOS LUGARES  
EM QUE A GEOGRAFIA FÍSICA E SENTIMENTAL  
COMPÕE AS PAISAGENS E OS ESTARES

- Esses políticos são corruptos **onde** a gente precisa rever nossos votos.
- Esses políticos são corruptos **e** precisamos rever nossos votos.
- Esse é o local **onde** os moradores do setor votam.

## 12. ME/ MIM

**EU** DESEJA  
**MIM**, NÃO  
**EU** FAZ, **MIM**, NÃO  
**EU** É SUJEITO LIVRE  
**MIM**, NÃO  
**MIM** VEM NA CHIBATA DA PREPOSIÇÃO  
**EU** ESTÁ CASADO COM O VERBO  
**EU** ESTÁ NA FESTA DA ORAÇÃO  
**MIM** SÓ CHEGA AO FINAL  
**EU**, ENCIUMADO,  
TENTA ROUBAR O ESPAÇO DO **MIM**  
SE ACHEGA NA PREPOSIÇÃO  
MAS O VERBO É CIUMENTO  
E SE COLOCA DO LADO  
O **MIM** SE DISFARÇA E ESPERA O **ME**  
QUE SE ABOLETA COMO AMANTE E SEM RECEIO  
PERTO DA CATEGORIA VERBAL  
NÃO CHEGA A SER SUJEITO  
MAS NÃO TEM NINGUÉM NO MEIO  
Carla trouxe esse bolo **PARA MIM**.  
Sei que você andou falando mal **DE MIM**.  
Essa carta está endereçada **A MIM**.  
Deixaram esse relatório para **EU FAZER**.  
**EU** decido o momento mais adequado.  
Marisa **ME** trouxe esse presente hoje.  
Ricardo **ME** magoou.  
Vê se **ME** esquece.

### 13. MENOS/ “MENAS”

**MENOS** É FILHO ÚNICO  
NÃO TEM MÃE, TIA, NEM IRMÃ  
**MENAS** NÃO EXISTE  
NÃO IMPORTA O QUE SE DIGA  
ESSE TERMO É SÓ MASCULINO  
MESMO QUE O SEGUINTE SEJA MENINA  
EX.: TODOS OS IRMÃOS VIAJARAM, **MENOS** A CAÇULA.  
ELE RECEBEU **MENOS** RAÇÃO QUE OS OUTROS  
ANIMAIS.  
MAROCA TROUXE TUDO O QUE PEDIMOS, **MENOS** A  
MAQUIAGEM.



## 14. VOCÊ/ SE

FALAR E ESCREVER NASCEM DO MESMO PEITO,  
MAS VÃO PARA LUGARES DIFERENTES  
UMA SE LIBERTA AO VENTO  
OUTRA, NO MATERIAL, SE PRENDE  
AS MARCAS DA FALA NA ESCRITA  
NÃO MATAM NINGUÉM, SÓ O TEXTO FICA COM PREGUIÇA  
QUANDO CAIR NA TENTACÃO DO **VOCÊ**  
SUBSTITUA PELO **SE**  
FICA MELHOR QUANDO SE FINGE  
QUE A ESCRITA NÃO TEM MÃE, NEM PAI,  
QUE É SÓ UM DOWNLOAD DA VERDADE  
É SÓ COLOCAR A ESTRUTURA PARA MENTIR  
QUE O AUTOR NÃO TEM IDENTIDADE.

**VOCÊ** ACREDITA QUE O MUNDO ACABARÁ  
ACREDITA-**SE** QUE O MUNDO ACABARÁ

## 15. NOMENCLATURA

EU QUERO FALAR  
ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA  
REDUZIDA DE INFINITIVO  
VOCÊ CONSEGUE SOBREVIVER SEM SABER ESSA  
NOMENCLATURA?  
SE NÃO FOR ESTUDIOSO PROFISSIONAL DA LINGUAGEM,  
SIM!  
O QUE VOCÊ PRECISA É SABER USAR A LINGUAGEM PARA  
A PRODUÇÃO EFETIVA DE SENTIDOS  
CONSEGUE SOBREVIVER SEM SE EXPRESSAR COM CLAREZA  
E PRECISÃO?  
NÃO.

SAIBA AS POTENCIALIDADES DO CORPO ANTES DE  
CONSEGUIR NOMEAR AS SUAS PARTES.

## 16. VOCÊ É LINGUAGEM

VOCÊ É LINGUAGEM  
TEU SANGUE SÃO VERBOS A BUSCAREM O DESTINO  
TEU CORPO É TODO NOME  
QUE SE QUEBRA EM NOVAS IMAGENS  
O TEU OLHAR, TEU OLHAR É ADJETIVO  
E ALI SE DEBRUÇAM TODAS AS JANELAS QUE OFERTA  
AO MUNDO  
SUSPENSAS NAS RETICÊNCIAS DE SUA BOCA  
MIL DISCURSOS SE CRIAM  
A CONSTRUÍ-LO PESSOA NO TEXTO INCERTO  
VOCÊ É LINGUAGEM  
E NÃO PERCEBER A PALAVRA  
É MATAR O SER  
E VIRAR OBJETO

## 17. IDENTIDADE

Tua fala é tua imagem  
Teu corpo é uma licença  
Se os ombros se curvam  
E os olhos pedem desculpas  
Cobrem-te de pesos e de culpas  
E julgam-te como falam  
Dize como se fosse  
Seja o teu discurso  
No crochê de palavras, ideias,  
Razões e íntimas construções  
Tua voz é teu texto  
Teu corpo, tua percepção, teu pulso  
São todo o teu lugar no mundo

## 18. OPINIÃO

NÃO SE DEVE TER OPINIÃO SOBRE TUDO  
OU ALCANÇAR PROFUNDIDADE EM QUALQUER  
ASSUNTO  
NÃO SE DEVE ESQUECER, CONTUDO,  
QUE ESCREVER SEM CONHECER  
É COISA SÓ POSSÍVEL A PARANORMAL  
É TENTAR ANDAR DE BICICLETA SEM PEDAL  
INFORME-SE, ESTUDE, TOME CONSCIÊNCIA  
S OU Z, A GENTE FACILMENTE CONSERTA  
MAS NÃO HÁ O QUE FAZER  
QUANDO O SER ESTÁ APEGADO NA IGNORÂNCIA  
É PELE DE COBRA, CASA DE CARANGUEJO,  
CASA SEM TELHADO, LABIRINTO DE DE VENTO  
NÃO TEM NADA DENTRO QUE DÊ VALOR AO  
ARGUMENTO.

## 19. VARIEDADE PADRÃO

A IDEIA É QUE VALE, JÁ DIZIA O ESPERTO  
MAS, NA HORA DO PLURAL DO PORTUGUÊS,  
NEM SEMPRE O ENTENDIDO FICA CERTO  
“AS MINA PIRA” A GENTE ENTENDE QUE NÃO É SÓ  
UMA  
O PADRÃO TE PEDE, MESMO ASSIM,  
REPETE MEU PLURAL, MARQUE TUDO QUE PUDER  
“AS MINAS PIRAM”, ISSO É FORMAL  
BRINQUE COM A FALA  
RESPEITE O QUE VÊ  
SO NÃO SE ESQUEÇA DO QUE INTERESSA  
NA SUA VIDA PROFISSIONAL,  
PORTUGUÊS VESTE ROUPA DE FESTA

## 20. PORQUÊS

**POR QUE** VOCÊ NÃO FICA?

**PORQUE** O MUNDO ME CHAMA

**POR QUÊ?**

O **PORQUÊ** DE TODAS AS COISAS ESTÁ NO MUNDO

ENTÃO VAMOS JUNTOS

NÃO PODE

SUAS PERGUNTAS NÃO SÃO MINHAS

## 21. QUE

AULA DE PORTUGUÊS PARECE AULA DE  
COMPORTAMENTO  
A TIA SÓ USA EXEMPLO  
QUE PEDE SOSSEGO NO PROCESSO  
OS MENINOS SAÍRAM MAIS TARDE  
OS MENINOS FIZERAM BAGUNÇA.  
OS MENINOS **QUE** FIZERAM BAGUNÇA SAÍRAM MAIS  
TARDE.  
A TENTATIVA DE CONTER OS EXCESSOS  
VALE A PENA SE A CRIATURA ENTENDE  
**QUE** NEM TODOS SE DERAM MAL,  
A VÍRGULA NÃO APARECEU, ESTÁ RESTRITO  
QUE ANTECEDIDO DE VÍRGULA AÓ, TODO MUNDO  
NO CASTIGO  
TODAVIA, HOUE OS BONS, QUE, ALÉM DE PRESTAREM  
ATENÇÃO TOTAL  
APRENDERAM QUE, PARA EVITAR REPETIÇÃO,  
O PRONOME RELATIVO **QUE** É A SOLUÇÃO.



## 22. SUJEITO/ VERBO/ OBJETO

DEIXE DE SER MANHOSO, METIDO E VAIDOSO  
VÊ UMA FOLHA EM BRANCO E PARECE  
QUE ESTÁ SORRINDO PARA O TINHOSO  
AS IDEIAS FOGEM APAVORADAS  
E VOCÊ NÃO ESCREVE NADA  
AJOELHE-SE E REZE ASSIM:  
NOSSO SENHOR DO SUJEITO  
AJUDA-ME A DAR-LHE UM PREDICADO  
QUE EU SAIA DO NÍVEL “MEL É DOCE” E  
ATINJA O CÉU DAS SUBORDINADAS.  
DEPOIS DISSO, DESENHE ESSA MANDINGA:  
SVO (SUJEITO+VERBO+OBJETO)  
SIGA O QUE ESSA SEQUÊNCIA MANDA  
O ESCRITOR (SUJEITO) NECESSITA (VERBO)  
DE PRÁTICA CONSTANTE (OBJETO)  
E SÓ DEPOIS DE USAR ESSA SIMPATIA CEM VEZES  
EM NOITES ESCURAS E DIAS CLAROS  
AVENTURE-SE NESSA ARTE PODEROSA  
DE ESCREVER FRASES LONGAS NA SUA PROSA.

## 23. VIRÁ/ “VAI VIM”

A SERPENTE DISSE A EVA:  
DEIXE DE SER BESTA. ADÃO **VAI VIM** DEPOIS.  
E EVA, COM UM SORRISINHO MAROTO,  
DE QUEM SÓ FINGIA QUE ERA BOBA,  
MORDEU A SERPENTE, QUEBROU-LHE O OVO...  
E A VÍBORA FICOU SEM ENTENDER  
PORQUE O VERBO CERTO  
ERA TÃO ESSENCIAL DE SE USAR  
E FICOU A GIRAR NO LIMBO IMORTAL REPETINDO:  
**VIRÁ, VIRÁ, VIRÁ**

## 24. VÍRGULA

DÓI O PEITO  
QUE FUNCIONA SEM SENTIDO  
SOME A INTELIGÊNCIA  
EM SEU PRÓPRIO PECADO  
ARDEM OS OLHOS  
À PROCURA DE ABRIGO  
MAS QUE SE SALVEM AS ALMAS  
QUE COLOCAM VÍRGULA  
ENTRE SUJEITO E PREDICADO  
PRESERVADOS NA ORDEM DIRETA  
DAS COISAS ESCRITAS  
NÃO SE PÕE BARREIRAS ENTRE O DITO  
E O QUEM (SE) DIGA

## 25. HÁ/ A

**HÁ**, COM H, É PASSADO, LIBERTE-SE  
**A**, SEM H, É FUTURO,  
CONFUNDIR UM COM O OUTRO  
É PERDER-SE NO TEMPO  
É ENCONTRAR-SE EM APUROS

EX.:

- SOMOS AMIGAS **HÁ** MUITOS ANOS.
- DAQUI **A** ALGUNS DIAS, TEREMOS TERMINADO NOSSA PESQUISA.
- ESSE SETOR ESTÁ SEM ÁGUA **HÁ** MUITOS DIAS.

## 26. ORTOGRAFIA E ANOS ATRÁS

QUERIDINHA,  
ANOTA UM CONSELHO?  
VOCÊ PODE FICAR ANSIOSA,  
CHATEADA, MEIO BOLADA,  
MUITO BRAVA,  
MAS NÃO ESCREVA  
HÁ MUITOS ANOS ATRÁS  
PENSE NISSO,  
SE NÃO QUISER QUE O CATRA  
LHE ESCREVA UM FUNK MALDITO

## 27. CRASE

PENSE NA CRASE SEM PRECONCEITOS  
OUÇA O QUE LHE DIGO  
PORQUE ELA É UM CASAMENTO ENTRE DOIS  
FEMININOS  
PODE SER QUE SEJA LÉSBICA, VÁ SABER  
NESSA UNIÃO, CONTUDO, UMA É PREPOSIÇÃO  
E A OUTRA, ARTIGO  
UMA NÃO VIVE SEM A OUTRA  
NÃO IMPORTA SE QUEM AS CASA É NOME OU VERBO  
É UM RELACIONAMENTO CONTROLADO POR REGRAS  
NÃO TEM ESSA DE CORAÇÃO  
UM "A" FUNDE-SE COM OUTRO "A"  
E ISSO JÁ É UMA GRANDE QUESTÃO.

## 28. PERDA/ PERCA

O VERBO PERDER É O MAIS DIFÍCIL  
DE SE CONJUGAR EM PRIMEIRA PESSOA  
PORQUE ELE QUER QUE EU PERCA  
ENQUANTO EU LHE DESEJO O MESMO  
TODAVIA, ENTRE QUEDAS E VITÓRIAS  
E ENQUANTO O APITO FINAL NÃO ECOA  
CERTO É QUE A **PERDA** E **PERCA**  
COMPARTILHAM A MESMA ALMA  
MAS NÃO O MESMO CORPO  
PORQUE PERDA É NOME  
E FICA ACOMPANHADO DE ARTIGO  
E PERCA É VERBO E SEMPRE SE CASA COM SUJEITO  
É COMO VOCÊ QUE SE CASA COM O ZÉ DA FEIRA  
E ANGELINA JOLIE COM BRAD PITT  
A **PERDA** DE UM AMOR É LAMENTÁVEL, MAS TEM JEITO  
QUE EU **PERCA** DINHEIRO É QUE É FALTA DE RESPEITO.

## 29. CONCORDÂNCIA VERBAL-FRAÇÕES

**UM TERÇO DOS MEUS DEFEITOS** ESTÁ APARENTE  
**DOIS TERÇOS DAS MINHAS QUALIDADES ESTÃO** EM  
MEUS DEFEITOS  
DE TODOS OS ERROS QUE PROCURO  
EXISTEM OS ACERTOS QUE ME ENCONTRAM-SE  
E ME CONSTROEM GENTE E ME DÃO JEITO  
NÃO SÃO AS FRAÇÕES QUE DEFINEM O MEU VERBO  
MAS O NUMERADOR COMPLETO  
SE ME ENCONTRAM OU ENDIREITAM O ESPINHAÇO  
ME LEMBRO QUE QUEM MANDA SÃO MEUS INTEIROS  
E NÃO MEUS PEDAÇOS



## 30 – USO DO MESMO

“ANTES DE ENTRAR NO ELEVADOR, VERIFIQUE SE ELE ENCONTRA-SE PARADO NESTE ANDAR”

OU

“ANTES DE ENTRAR NO ELEVADOR, VERIFIQUE SE ELE ESTÁ PARADO NESTE ANDAR”

CONVENHAMOS, ESSE MESMO DEIXA A FRASE COM UMA CARA DE POBREZA DE QUEM NÃO TEM ELEGÂNCIA PARA A FUNÇÃO DEIXE O PRONOME PESSOAL DO CASO RETO NA POSIÇÃO  
OU MATE ESSA FRASE MAL-FEITA

## 31-NEUTRALIDADE

DISSERTAÇÃO E NEUTRALIDADE NÃO COMBINAM.  
SEM POSICIONAMENTO, NÃO HÁ REFLEXÃO.  
SEM RACIOCÍNIO, NÃO EXISTE ARGUMENTO.

## 32-PARTICÍPIOS

ELES EXISTEM!

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
PAGAR	PAGADO	PAGO
PEGAR	PEGADO	PEGO ( É OU Ê )
ELEGER	ELEGIDO	ELEITO
PRENDER	PRENDIDO	PRESO
IMPRIMIR	IMPRIMIDO	IMPRESSO
TINGIR	TINGIDO	TINTO

### 33. “VENHO POR MEIO DESTA”

- BENHÊ, O SÍNDICO ESCREVEU DE NOVO “VENHO POR MEIO DESTA” NA CARTA CIRCULAR. O QUE EU FAÇO?

- SE CONFORME, MULHER,  
DEIXA O SÍNDICO PRA LÁ,  
SE ELE NÃO ENTENDE QUE ESSA FRASE É REDUNDÂNCIA,  
DESNECESSÁRIA E BESTA  
DEIXA O SÍNDICO PRA LÁ,  
ENQUANTO ELE NÃO ERRAR AS CONTAS,  
DEIXA O SÍNDICO PRA LÁ,  
MELHOR ELE ERRANDO PORTUGUÊS  
QUE O CONDOMÍNIO DO MÊS.

## 34. VOU ESTAR TE LIGANDO

**VOU ESTAR TE COMUNICANDO** ALGO MUITO  
IMPORTANTE

USE O FUTURO EM SUA FORMA INDICATIVA, SEM  
FRESCURA

COMUNICAREI

OLHA QUE LINDO, É OBJETIVO, NÃO FAZ MAL À PELE  
E NÃO DÁ NÓ NAS TRIPAS DE NENHUM INDIVÍDUO

REPITA: **LIGAREI, MARCAREI, AGENDAREI, REALIZAREI**  
E ARREMESSO PARA LONGE O “**VOU ESTAR TE LIGANDO**”,  
“**VOU ESTAR TE AGENDANDO**”

O MUNDO INTEIRO AGRADECE

DÊ FÉRIAS PARA O GERÚNDIO

FAÇA DESSE MUNDO UM LUGAR MELHOR PARA OS  
OUVIDOS.

## 35. ANEXOS

**ANEXO** É ADJETIVO

É, SIM SENHOR

OBEDECE AO SUBSTANTIVO

EM GÊNERO, NÚMERO E HUMOR

SE **ANEXAS** ESTÃO AS MATÉRIAS

**ANEXOS** ESTÃO OS ARQUIVOS.

**EM ANEXO** É O MAL HUMORADO

NÃO CONCORDA COM NINGUÉM

FICA SEMPRE NO MESMO ESTADO.

Ex.: Os orçamentos não vieram **anexos** em sua mensagem.

As fotos estão **anexas** às provas solicitadas.

As fotos estão **em anexo**.

Os orçamentos não estão **em anexo**.

## 36. MULHER NO DICIONÁRIO

NÃO SE ENGANEM  
NÃO SE ILUDAM  
O DICIONÁRIO CONTA  
QUE NENHUMA PALAVRA É INOCENTE  
TODAS SÃO CHIBATAS  
A DEPENDER DAS MÃOS QUE AS SEGURAM

Mulher-solteira: s.f. pej. prostituta, meretriz. Gram.  
pl.:mulheres-solteiras. SIN/VAR ver sinonímia de meretriz.  
(HOUAISS,2009)

## 37. PARTICÍPIO/PESSOA

HÁ DIAS EM QUE VOCÊ É NOME  
HÁ DIAS EM QUE VOCÊ É VERBO  
MAS É NOS DIAS DO ADJETIVO  
QUE SE PREPARAM AS PAUSAS DO PARTICÍPIO  
E NÃO SE É MAIS CULPADO  
ATÉ QUE RESTE UM PRONOME  
NENHUMA CONJUNÇÃO  
ENTRE GRAMÁTICA DO CORPO  
E O SÍMBOLO QUE TE CONSOME



## 38. CADA UM DE

PENSA ASSIM,  
UMA PESSOA NÃO SE DIVIDE  
EM DIGITAIS DIFERENTES  
TALVEZ, NA EXTREMA FALSIDADE,  
SEPARA O EU DO MIM  
E INVENTE UMA CARA PARA CADA OCASIÃO  
REZA A NORMA BRAVA  
QUE SER HONESTO É PRIORIDADE  
E QUE CADA UMA DAS PESSOAS DEVE ASSINAR  
SUAS FICHAS DE INSCRIÇÃO  
SUJEITO REPRESENTADO POR “CADA UM DE  
+ PLURAL”–NESTE CASO, O VERBO FICA NO  
SINGULAR

## CONCLUSÃO

Esse trabalho é uma proposta de diálogo, de compartilhar as minhas experiências e estudos como professora de linguagem, de apresentar sucessos, erros, propostas bem e mal sucedidas. Está na minha intenção primordial o despertar do desejo de pensar a sala de aula como um ambiente extremamente rico em experiências humanas e profissionais. Apresentei trabalhos de alunos para que se comprovasse que as propostas, mesmo quando excelentes, devem deixar de buscar o aluno ideal, o patamar avançado de aproveitamento, e encontrar o aluno de verdade, aquele que evolui não importa o estágio de aprendizagem em que se encontre.

O professor, na ânsia de fazer com que seus alunos se adaptem a sua visão de desejável, acaba por excluí-los e não oferece possibilidade concreta de superação. O que deixa de lado o “desespero” a respeito “dessa gente despreparada” e se põe a trabalhar para fazer a diferença pelas suas estratégias de ensino contribui verdadeiramente na solução das defasagens, na superação de limites. Terminei com uma mensagem que uma aluna me enviou:

Me lembro de quando comecei a ler e escrever, achava lindo saber o que aqueles símbolos representavam, lia tudo que via, logo veio a ideia de escrever todos os dias, juntei umas folhas de caderno velho, cortei papelão e fiz a capa, nela escrevi: PENSAMENTOS E LEMBRANÇAS. Escrevia de tudo, emoções, fatos que marcava o dia, algumas dúvidas..., O guardava em baixo do colchão, foi assim por muito tempo, nem sei quanto tempo, anos acho, até que surgiu minha mãe e como quem corta uma árvore que começa a crescer, pega meu caderno e queima, junto com ele foi minha vontade de escrever. Hoje vou mudar a estória e escrever novamente, por no papel minha liberdade de expressão, adormecida.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Língua portuguesa e didática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, E. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.

BERLO, DAVID K. *O processo da comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÓSI, A. (Org.). *Cultura Brasileira*. Temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1992.

GALBRAITH, J. K. *A era da incerteza*. 9.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário novíssimo da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ed. Objetiva, 2009.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. São Paulo: Pontes, Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/>

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais*. São Paulo: EDUSC, 2002.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PAULINO, G. et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

Esta obra foi composta pela fonte Família Optima,  
corpo 11 e em papel couche fosco 115g.